

ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA MONTE AZUL: O PARADIGMA ANTROPOSÓFICO.

Alinne

DORALICE VEIGA ALVES



Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Serviço Social, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Myrian Veras Baptista.

Pontifícia Universidade Católica
de São Paulo

Biblioteca Madre Gouvêa Kfour

PUC
MARÇO/2000

Dedicatória

Aos colaboradores da Associação Comunitária Monte Azul,
pela alegria, pelo carinho, pela transparência, pela acolhida
sempre amiga. Parabéns para vocês!!!

AGRADECIMENTOS

A DEUS.

À MINHA FAMÍLIA.

AOS MEUS ANCESTRAIS.

AO LECI JOSÉ DE OLIVEIRA SILVA

À PROF.^a MYRIAN VERAS BAPTISTA

À PROF.^a IRANDI PEREIRA

À PROF.^a MARIA ALICE PEREIRA

À PROF.^a ROSELY ROMANELLI

AOS PROFESSORES E À SECRETÁRIA DO PROGRAMA.

ÀS COLEGAS ASSISTENTES SOCIAIS.

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo analisar as contribuições da prática desenvolvida pela Associação Comunitária Monte Azul, sediada no município de São Paulo, Zona Sul, Bairro Jardim Monte Azul.

Optamos pela Monte Azul pelas evidentes inovações no trato da *questão social*, em seu sentido amplo - educação, saúde, formação profissional, geração de renda, arte e cultura, assistências jurídica e social - junto à população empobrecida, investindo na melhoria da qualidade de vida das pessoas no sentido de capacitá-las para o exercício de sua condição cidadã: autonomia e realização de seus direitos fundamentais.

Nosso interesse em focar tal experiência deveu-se ao método utilizado pela Monte Azul - a Antroposofia - ciência espiritual elaborada por Rudolf Steiner (1861-1925). Essa ciência possui método eficiente para os desenvolvimentos individual e organizacional. Também, pensamos em contribuir para o debate paradigmático no Serviço Social.

Hoje, a crise paradigmática sugere leituras da natureza, diferentes e complementares da proposta pela ciência clássica. Estimula explorarmos o conhecimento de nós mesmos, aqui e agora. Nos mostra a complexidade da realidade física, biológica e humana.

A metodologia adotada foi a de traçar um desenho da Monte Azul, a partir de levantamentos dos projetos, dos princípios e pressupostos, das visitas aos núcleos da entidade, das entrevistas com colaboradores, dirigentes, moradores e ex-alunos, da leitura de documentos internos, elaborados pelos próprios colaboradores; e de trabalhos acadêmicos.

Fundação Monte Azul
Cidade de São Paulo

Biblioteca Nadir Gouvêa Kfour

SUMMARY

This dissertation has as objective to analyze the contributions of the experience developed by the Community Association Monte Azul, a nongovernmental organization (NGO) situated in the district of São Paulo, South Zone, Jardim Monte Azul.

We have opted for Monte Azul because of its evident innovations which deals with the social subject, in its wide sense - education, health, professional formation, ganings, art and culture, juridical and social attendance - with the impoverished population, investing in the improvement of the quality of the people's life in the sense of qualifying them for its condition citizen's exercise: autonomy and accomplishment of its fundamental rights.

Our interest in such experience was due to the method used by Monte Azul - the Anthroposophy, spiritual science elaborated by Rudolf Steiner (1861-1925). That science has an efficient method for the individual and organizational development. We also thought to contribute for the paradigmatic debate in the social service, in this century passage.

Today, the paradigmatic crisis suggests readings of the nature, different and complementary of the proposal for the classic science. It stimulates us to explore the knowledge of

ourselves, here and now. It shows us that we must be aware of the complexity of the physical, biological and human reality.

The adopted methodology was to draw the profile of Monte Azul, starting from raising of the projects, of the beginnings and presuppositions, of the visits to the nucleus of the entity, of the interviews with collaborators, leaders, inhabitants and former-students, of the reading of internal documents, elaborated by the own collaborators, and of academic works.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I	
ANTROPOSOPIA	23
Conceituação	23
Rudolf Steiner, o fundador da Antroposofia	24
Método da Associação Comunitária Monte Azul	32
CAPÍTULO II	
ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA MONTE AZUL	59
História	59
Missão	68
Organização interna	68
Serviços e produtos	77
Estrutura administrativa	91
Locais de atuação	92
Depoimentos de ex-alunos	99
CAPÍTULO III	
A ANTROPOSOPIA E O SERVIÇO SOCIAL: UMA QUESTÃO DE MÉTODO	106
CONSIDERAÇÕES FINAIS	129
BIBLIOGRAFIA	134

INTRODUÇÃO

*Tu mesmo, homem cognitivo, és
emotivo, volitivo,
o enigma do mundo. (STEINER)¹*

Esta dissertação tem como objetivo analisar as contribuições da prática desenvolvida pela Associação Comunitária Monte Azul, sediada no município de São Paulo, Zona Sul, Bairro Jardim Monte Azul.

O nosso interesse se fundamenta na importância dessa experiência como eficaz no trato da *questão social* e, também, por essa concepção de atendimento estar apoiada na corrente filosófica denominada Antroposofia, criada pelo filósofo austríaco, Rudolf Steiner (1861-1925). Este autor descobriu, estudou e organizou os trabalhos de Goethe², utilizando-se de sua epistemologia para elaborar sua ciência espiritual.

Cabe destaque para essa opção de estudo às evidentes inovações da Monte Azul no trato da *questão social*, em seu sentido amplo - educação, saúde, formação profissional, geração de renda, arte e cultura, assistência jurídica e social - junto à população empobrecida, investindo na melhoria da qualidade de vida das pessoas no sentido de

¹ Herwig, Haetinger (1998). *Poemas, Pensamentos*. Editora Antroposófica, 2ª ed., São Paulo.

² Goethe, Johann Wolfgang von (1749-1832). Poeta, pensador e cientista alemão.

capacitá-las para o exercício de sua condição cidadã: autonomia e realização de seus direitos fundamentais.

O relato de uma experiência focada nas contribuições de Rudolf Steiner permitirá observar a existência de um diferencial em relação às práticas usuais no campo da Assistência Social, pois a Antroposofia propõe um novo *modo de olhar e tratar* a questão da natureza humana. Propõe um novo paradigma *como um caminho de conhecimento que pretende fazer o espírito humano chegar a união com o espírito cósmico*. (AZEVEDO, 1999:40, apud Unger, 1946)

A Monte Azul desenvolve um trabalho social, com uma estrutura administrativa de 200 pessoas, atendendo diariamente cerca de 1.400 moradores, crianças, jovens e adultos, numa complexa rede de programas educacionais, culturais, geração de renda, saúde, etc, localizados na Favela Monte Azul, na Favela Peinha e no bairro Jardim Horizonte Azul, desde 1979.

Nosso interesse em focar tal experiência considera, além da distinção filosófica - a Antroposofia - o debate sobre a crise dos paradigmas da ciência clássica nesta passagem de século.

O conceito de paradigma científico foi cunhado por Thomas Kuhn para identificar o universo de valores culturais, ideológicos, históricos e epistemológicos que condicionam a produção do conhecimento. Diferentes referenciais paradigmáticos sucedem-se na história das

ciências, mas, segundo Kuhn, não têm relações aditivas entre si que sugiram uma acumulação progressiva de conhecimento. Ao contrário, cada paradigma representa uma forma de olhar a natureza, e o conhecimento que de um deriva não se soma ao de outro, mas se opõe a ele como uma nova interpretação, supostamente mais eficiente, da realidade. (PEREIRA, 1999:23)

Neste século, a história do conhecimento foi ampliada com a comprovação da existência de níveis de realidade diferentes: um novo paradigma científico. Esta descoberta abala os conceitos em que estão calcadas as bases da ciência clássica. *Continuidade, causalidade local, objetividade e determinismo*, que nortearam a Ciência nos últimos séculos, foram agora, em meados do século XX, checados pela própria Física, sua precursora.

E, o que nos chama a atenção é que as idéias humanas estão aprumadas com os princípios acima mencionados. O método científico, ainda hoje muito utilizado, é cartesiano. Descartes viu o mundo como uma máquina, comparando a natureza a um relógio de cordas. O método proposto por ele, é pegar um relógio, desmontá-lo e reduzi-lo a um punhado de peças para entender o todo.

Em função de tamanha objetividade o sujeito foi transformado em objeto. Objeto de estudos científicos e experiências ideológicas. Ainda hoje, a lógica materialista sustenta os paradigmas

responsáveis pelo funcionamento da política, da arte, da economia enfim, ocupa o fazer humano, sentencia o destino do planeta terra.

O pensamento cientificista se expandiu no século XIX, pois a sociedade humana obcecada pela idéia de leis e ordem elegeu a Física como a "rainha" das ciências. Esse passo, de natureza filosófica e ideológica, foi decisivo para o surgimento da ideologia cientificista, pois a Ciência clássica adotou os conceitos da Física, empregando-os em todas as áreas do conhecimento humano.

Essa euforia cientificista teve extraordinária disseminação naquele século, causando uma ruptura da *práxis* em relação à visão sobre o universo e a relação do homem com a natureza. Os povos antigos tinham noção metafísica, mitológica e metafórica sobre o cosmo. A realidade multidimensional era povoada de diversas entidades, dos homens aos deuses, regida por suas próprias leis, interligadas às leis do universo.

Com a perspectiva cientificista o universo passa a ser visto como uma máquina regulada e previsível. O conhecimento, além do científico, foi relegado à subjetividade e, quanto muito, tolerado. O sagrado, por exemplo, tornou-se uma simples hipótese. O deus-homem foi cerceado em seu aspecto mitológico.

No século XVII, alguns cientistas, artistas e filósofos (Goethe, Schelling³ e outros) já preocupados com o surgimento do cientificismo, se juntaram em torno da revista alemã *Athenaeum* pelo pensamento distinto e até divergente do pensamento crescente, de ordem materialista.

A divindade está atuante no vivo, mas não no morto; ela está no que está vindo a ser e no mutante, mas não no que já é e no inerte. Por isso também a razão, em sua tendência ao Divino, só diz respeito ao que está vindo a ser, ao vivente, e o intelecto ao que já se tornou, ao inerte, para que o aproveite. (Goethe in Herwig, 1998:9)

Goethe fazia uma diferenciação de método para análise do mundo inorgânico e do mundo orgânico, em suas investigações nos campos da geologia, biologia, arqueologia e outras disciplinas, sempre considerando o sagrado⁴. Materializava suas idéias por meio da escrita poética, ficando conhecido mundialmente por suas obras literárias. Porém, sua epistemologia científica ficou à margem das teorias do conhecimento da época, em razão do crescimento do pensamento materialista que, com a chegada do capitalismo, deu novo rumo à história da humanidade.

Neste século, finalmente a Física comprovou a existência de níveis diferentes de realidade. Dois mundos coexistem: o microfísico e o

³ Schelling, W. Friedrich (1775-1854), filósofo do romantismo alemão.

macrofísico. O macrofísico é caracterizado pela irreversibilidade do tempo, ou seja, caminhamos do nascimento para a morte, da juventude para a velhice. Porém, o mundo microfísico caracteriza-se pela reversibilidade do tempo.⁵

A existência paradoxal entre a reversibilidade e a irreversibilidade do tempo, comprova os diferentes níveis de realidade. Esta existência, apregoada por algumas tradições e civilizações, foi apenas tolerada pela Ciência moderna, durante três séculos, por ser fundada em dogmas religiosos milenares e na exploração do universo interior.

É impossível localizar uma partícula quântica ou dizer qual é o átomo que se desintegra num momento preciso. As questões formuladas não têm sentido no mundo quântico. Não têm sentido pois os conceitos da ciência clássica, como o determinismo e a causalidade local não explicam o aleatório quântico - que tem o sentido da construção do mundo macrofísico. Uma matéria mais fina penetra uma matéria mais grosseira. As duas coexistem, interagem numa unidade que vai da partícula quântica ao cosmo.

As pesquisas sobre realidade microfísica são surpreendentes, pois revelam paradigmas divergentes dos apregoados pela ciência

⁴ O sagrado considerado como aquilo que liga, que une no sentido etimológico da palavra "religião" (religare-religar) e não como atributo de uma religião.

⁵ O mundo microfísico caracteriza-se pela invariância temporal. *Tudo se passa como se, na maioria dos casos, um filme rodado no sentido inverso, produzisse exatamente as mesmas imagens do que quando rodado no sentido correto.*(BASARAB, 1999:27)

clássica. A continuidade, por exemplo, é um paradigma da ciência clássica: não se pode passar de um ponto a outro do espaço e do tempo sem passar por todos os pontos intermediários. Isto transposto para a história, a torna manipulável: basta estabelecermos princípios fundamentais que chegaremos à sociedade ideal.

Essa linguagem é utilizada de forma coerente, controlada e instituída por uma comunidade que a controla e administra sua reprodução. (MINAYO, 1994:10)

Hoje, a crise paradigmática sugere leituras da natureza, diferentes e complementares da proposta pela ciência clássica. Estimula explorarmos o conhecimento de nós mesmos, aqui e agora. Nos alerta ser fundamental considerarmos a complexidade da realidade física, biológica e humana.

Na sociedade ocidental, a ciência é a forma hegemônica de construção da realidade, considerada por muitos críticos como um novo mito, por sua pretensão de único promotor e critério de verdade. No entanto, continuamos a fazer perguntas e a buscar soluções. Para problemas essenciais, como a pobreza, a miséria, a fome, a violência, a ciência continua sem respostas e sem propostas. (MINAYO, 1994:10)

É, preciso observar, como assinala Morin (1998:31), que um dos aspectos da crise do nosso século está relacionado com o estado de barbárie de nossas idéias e os modos de vida de determinadas sociedades, ao sermos dominados por conceitos, por teorias, por doutrinas, por lógicas inteiramente mecanicistas: o chamado *corpo complexo* de normas, símbolos, mitos e imagens que penetram o indivíduo em sua intimidade, estruturam instintos, orientam emoções...

De Meis, estudando as imagens de ciência entre os próprios cientistas, descobriu, para surpresa do estereótipo ciência/objetividade, que os cientistas de maior produtividade eram aqueles que mais incluíam em sua visão de ciência fatores subjetivos, como intuição, instinto, senso comum. Tal descoberta sugere que talvez não só a subjetividade seja um componente do conhecimento científico, como também seja ela um importante insumo da criatividade do cientista. (PEREIRA, 1999:27)

É tempo de troca de idéias... é tempo de extinguir os paradigmas limitadores da realidade. É preciso ler, também, Goethe, conforme indica Steiner, a respeito de sua obra:

O que constitui o aspecto significativo da pesquisa de Goethe é essa descoberta da relação existente entre as ciências do inorgânico e do orgânico. Incorre em erro quem - fato freqüente em nossos dias - decreta ser esta pesquisa uma antecipação daquele monismo que procura

fundar uma visão uniforme da natureza que abrange tanto o orgânico quanto o inorgânico, reduzindo o organismo às mesmas leis que determinam o inorgânico, ou seja, a categorias e leis mecânicas e físicas. Sua maneira de explicar o orgânico é basicamente diversa de sua maneira de proceder quando se trata do inorgânico. Ele quer que se rechace a explicação mecanicista em tudo que é de natureza superior. (1984:54)

Atualmente, a lógica da Física diz que é a projeção de "T" (terceiro excluído) sobre um único e mesmo nível de realidade que provoca a impressão de pares antagônicos. O terceiro termo situado no mesmo nível de realidade que os opostos A e não-A, não pode realizar a conciliação dos "opostos". A tríade do terceiro incluído é capaz de realizar a conciliação dos opostos: a tensão entre os contraditórios promove uma unidade mais ampla que os inclui. Basarab, comenta assim:

A lógica do terceiro incluído não elimina a lógica do terceiro excluído: ela apenas limita sua validade. A lógica do terceiro excluído é certamente validada por situações relativamente simples, como, por exemplo, a circulação de veículos numa estrada: ninguém pensa em introduzir, numa estrada, um terceiro sentido em relação ao sentido permitido e ao proibido. Por outro lado, a lógica do terceiro excluído é nociva nos casos complexos, como, por exemplo, o campo social ou político. Ela age, nestes casos, como uma verdadeira lógica de exclusão: bem ou mal, direita ou esquerda, mulheres ou homens, ricos ou

pobres, brancos ou negros. Seria revelador fazer uma análise da xenofobia, do racismo, do anti-semitismo ou do nacionalismo à luz da lógica do terceiro excluído. Seria também muito instrutivo passar os discursos dos políticos pelo crivo da mesma lógica. (1999:34)

É importante frisarmos que a lógica estabelece normas de validade ou verdade. Sem norma não há leitura de mundo, nem aprendizado, nem sobrevivência. Porquanto, a lógica está presente em cada ação, tanto individual quanto coletiva. A lógica determina a regulação social.

Ao analisar o movimento histórico da humanidade desde que a vida econômica deixou de organizar-se de maneira patriarcal, tornando-se complexa pela técnica e pelo capitalismo modernos, Steiner (1986:13) verifica que as concepções teóricas da chamada economia política dos mercantilistas, dos fisiocratas, a partir de Adam Smith até Saint Simon, Fourier, Marx e Engels⁶ e os contemporâneos, dirigiam o olhar a uma ou outra corrente unilateral de fenômenos, a partir da qual inferiam leis que pretendiam plasmar a vida econômico-política.

Essa afirmação reflete o cientificismo presente na construção teórica. A economia política foi incluída entre as ciências acadêmicas

⁶ Smith, Adam (1723-1790), filósofo e economista político britânico; Simon, Saint (1760-1825) socialista utópico e religioso; Fourier, Charles (1772-1837), socialista utópico, francês; Engels, F. (1820-1895) e Marx, Karl. (1818-1883), fundadores do socialismo científico e do materialismo dialético.

oficiais, e se tornou contemplativa, não alcançando leis capazes de se colocarem na vida humana de modo a plasmarem a vida social.

Steiner não era contrário ao método científico moderno, queria apenas ampliá-lo - propondo um novo paradigma: o do homem trimembrado - conforme atestam suas falas numa série de palestras feitas sobre a ciência natural, ilustrada pela passagem abaixo destacada:

Precisamos começar adquirindo a disciplina que a ciência moderna pode nos ensinar (...) e transcendê-la, para que possamos usar a mesma abordagem rigorosa (...) e assim estender essa metodologia também para a investigação de reinos inteiramente diferentes (...). Não consegue alcançar o verdadeiro conhecimento do espírito quem não adquiriu disciplina científica, que não aprendeu nos laboratórios a investigar e pensar de acordo com o moderno método científico. (STEINER in KAMINSK, 1998:37)

Steiner diz ainda que a nossa cosmovisão científica desenvolveu-se gradualmente a partir de antigas cosmogonias religiosas, artísticas e éticas. Tais cosmovisões tinham impulso e qualidade para a vida: traziam ao homem a noção da qualidade espiritual de sua natureza. Essa cosmovisão foi substituída por uma nova cosmogonia orientada mais para o lado científico. Ele reconhece o valor da ciência natural, mas também a sua limitação: ela não traz informações sobre a natureza íntima do ser humano.

Um fato significativo é que a cosmovisão orientada pela ciência natural veio simultaneamente com o capitalismo e com a técnica cultural moderna. As pessoas foram tiradas dos seus artesanatos tradicionais e colocadas à frente das máquinas e enredadas nas fábricas. Encontram-se agora mecanizadas, confinadas no domínio exclusivo da normalidade mecânica, de que não emana relação direta alguma com o homem. Do artesanato tradicional brotavam respostas à questão do valor e da dignidade do ser humano. A máquina abstrata não dá resposta alguma. O industrialismo moderno é como uma trama mecânica tecida em volta do homem, na qual ele se acha preso, e que não ressoa hoje diante dele para integrá-lo alegremente, como no antigo artesanato. (STEINER, 1986:15)

Assim, Steiner explica o abismo evidenciado entre quem trabalha manejando máquinas, e não é mais capaz, a partir de seu ambiente mecânico, de criar em si a fé na antiga cosmovisão; quem renunciou por não conseguir adaptá-la a sua nova vida, vindo a aderir à nova cosmovisão - pensando e sentindo verdades como pensamentos. Quem viveu com o proletariado moderno e entende como vieram a se formar os sentimentos sociais, sabe o que significa a palavra ideologia. Segundo o autor a espiritualidade foi substituída pela racionalidade, pelo pensamento, tornando-se uma ideologia para a moderna humanidade trabalhadora. (STEINER, 1986:15)

A antiga cosmovisão fornecia algo mais que pensamentos. Ou seja, nos fazia perceber a ligação do próprio espírito às entidades espirituais do mundo. Nos últimos dois séculos, o cientificismo administrou - na forma e nos modos - os pensamentos, os sentimentos e as paixões dos homens. A vida espiritual e a vida jurídica tornaram-se mera consequência da condução dos negócios econômicos.

Consideramos as reflexões de Santos (1999) sobre *contrato social*, referências para o debate da crise dos paradigmas:

(...) o contrato social é a grande narrativa em que se funda a obrigação política moderna, uma obrigação complexa e contraditória porque foi estabelecida entre homens livres e, pelo menos em Rousseau, para maximizar e não para minimizar essa liberdade. Assim, o contrato social é a expansão de uma tensão dialética entre regulação social e emancipação social que se reproduz pela polarização constante entre a vontade individual e a vontade geral, entre o interesse particular e o bem comum. (...) O contrato social é a metáfora fundadora da racionalidade social e política da modernidade ocidental. Os critérios de inclusão/exclusão que ele estabelece vão fundar a legitimidade da contratualização das interações econômicas, políticas, sociais e culturais. A abrangência das possibilidades de contratualização tem como contrapartida uma separação radical entre incluídos e excluídos. (...) O progresso da contratualização tem assim o seu quê de

sisífico. A flecha do tempo é, quando muito, uma espiral. (...) A idéia do contrato social e os seus princípios reguladores são o fundamento ideológico e político da contratualidade real que organiza a sociabilidade e a política nas sociedades modernas. (...) Esse paradigma social, político e cultural atravessa desde há mais de uma década um período de grande turbulência, que incide não apenas nos seus dispositivos operativos mas também nos seus pressupostos. Uma turbulência tão profunda que aponta para uma convulsão epocal e uma transição paradigmática. No nível dos pressupostos, o regime geral de valores parece não resistir à crescente fragmentação da sociedade, dividida em múltiplos *apartheids*, polarizada ao longo dos eixos econômicos, sociais políticos e culturais. Não só perde sentido a luta pelo bem comum como também parece perder sentido a luta por definições alternativas de bem comum. A vontade geral parece ter-se transformado em proposição absurda. Nestas condições, alguns autores falam mesmo do fim da sociedade". (1999:33-37e 41)

Minayo (1994) citando o embate sobre a cientificidade das ciências sociais em relação às ciências da natureza, conclui:

Há os que buscam a uniformidade dos procedimentos para compreender o natural e o social como condição para atribuir o estatuto de "ciência" ao campo social. Há

os que reivindicam a total diferença e especificidade do campo humano. (1994:10)

Goethe construiu sua epistemologia científica empregando métodos diferentes para as ciências do orgânico e do inorgânico. Steiner elaborou a Antroposofia - baseado na epistemologia goethiana, portanto, transcendendo a especificidade do campo humano. Temos, em Goethe, paradigma interessante para pensarmos sobre a questão ecológica; sobre a preservação da vida no planeta, tão maltratado pela visão materialista do homem.

Steiner, no mínimo, contribui para o embate atual nas ciências sociais. Ele deixou uma produção científica significativa, publicou 40 livros e proferiu 6000 conferências, agrupadas em 270 volumes. No entanto, a Antroposofia é pouco conhecida e aplicada.

É necessário dizer: a maioria das pessoas que atualmente fala sobre questão social (grifo nosso) inicialmente vê nela, bem naturalmente um problema econômico, quer dizer, absolutamente nada mais que uma questão de sobrevivência ou, em último caso, como mostram os fatos, um tema de trabalho humano, de pão e trabalho. Mas se quisermos tratar a questão social como assunto de sobrevivência e trabalho, devemos considerar que o homem obtém o pão de cada dia porque a comunidade humana produz o pão para ele; e a comunidade humana só é capaz de produzir o pão quando se trabalha. Todavia, a maneira como se deve trabalhar relaciona-se,

sob todos os aspectos, à organização da sociedade humana ou de uma região delimitada qualquer da sociedade humana, por exemplo, a formação do Estado. Quem tiver adquirido discernimento um pouco mais amplo logo perceberá que o pedaço de pão não poderá ter preço mais baixo ou mais alto sem que muita coisa, muita coisa mesmo, mude na estrutura do organismo social. Dirigindo depois atenção à maneira como cada qual se insere com seu trabalho no organismo social, percebe-se que se alguém trabalhar até mesmo um quarto de hora a mais ou a menos, isso influi na possibilidade de a comunidade de uma região econômica delimitada ter ou não pão e dinheiro para cada um. Vê-se daí que mesmo querendo-se considerar a questão de trabalho e sobrevivência, logo se chegará a horizontes mais amplos. (STEINER, 1986:11)

Dada a abertura temática do Serviço Social para enfrentar o debate sobre a *questão social*, provocado pela crise paradigmática, nos interessa desvelar as contribuições da Antroposofia, a partir da missão e dos valores da Associação Comunitária Monte Azul, merecedora de prêmios, nacionais e internacionais, pela singularidade de suas ações na busca do desenvolvimento humano e social⁷.

⁷ Alguns prêmios recebidos pela Monte Azul: *Bundesverdienstkreuz* (1987), Cruz do Mérito da República Federal da Alemanha; *Itaú-Unicef* (1995); *Bem Eficiente* (1997), da Fundação Kanitz, Brasil; *Pestalozzi* (1997), da Fundação Pestalozzi, Alemanha; *Coca-Cola: Teatro Jovem* (1998), Brasil; *Ação Criança* (1998), do Governo Federal, Brasil; *Ashoka para Idéias Inovadoras* (1998); *Criança* (1998), da Fundação Abrinq, Brasil; *Cidadania* (1999), do PNBE - Pensamento Nacional das Bases Empresariais, Brasil, etc..

As razões da escolha e delimitação do presente estudo se justificam por :

- considerarmos importante analisar a experiência da Associação Comunitária Monte Azul, que há 21 anos, trabalha com desenvolvimento comunitário, apoiada nos pressupostos da Antroposofia, criando metodologias inovadoras e com resultados eficazes, num momento em que é corrente creditar às organizações não-governamentais maior competência no compromisso social em relação ao setor público;
- interessarmos pelo pensamento de Rudolf Steiner, considerando o debate da crise dos paradigmas científicos, sustentados pela ciência clássica. *Steiner propõe um novo paradigma com informações sobre a natureza íntima do ser humano;*

pensarmos na possibilidade de aproximar as contribuições da Antroposofia com as teorias e metodologias do Serviço Social, pois a Associação Comunitária Monte Azul é uma complexa organização prestadora de serviços sociais.

A definição pela Monte Azul se deve, ainda, pelos resultados positivos de seu trabalho, reconhecidos pela quantidade e qualidade dos prêmios recebidos pela entidade, tendo em vista a sua principal missão:

*Proporcionar oportunidades através da educação, cultura e saúde, principalmente, para que as pessoas não privilegiadas possam se desenvolver material, social e espiritualmente, capacitando-as para agir conscientemente.*⁸

Nesta dissertação de mestrado tivemos por objetivo geral analisar a prática da Monte Azul, uma organização não-governamental, cujo referencial teórico - a Antroposofia - sustenta suas estratégias para o desenvolvimento humano e comunitário.

Tivemos também por objetivos específicos:

- descrever as contribuições da Antroposofia para a prática de desenvolvimento comunitário;
- conhecer seus colaboradores, a filosofia, o método e os impactos resultantes do trabalho coletivo.

A metodologia adotada foi a de traçar um desenho da Monte Azul, a partir de levantamentos dos projetos, dos princípios e pressupostos; das visitas aos núcleos da entidade; das entrevistas com colaboradores, dirigentes, moradores e ex-alunos; da leitura de documentos internos, elaborados pelos próprios colaboradores; e de trabalhos acadêmicos.

Tal desenho mostrou a missão institucional; os valores; os projetos; os locais de atuação, a organização, os serviços e os produtos (a

⁸ Revista *Prêmio Bem Eficiente: as 50 entidades vencedoras de 1997*. P. 38.

gestão); os objetivos; as estratégias de ação; as parcerias; o orçamento e os impactos na mobilização da comunidade para a melhoria da condição de vida das pessoas atendidas.

A Monte Azul utiliza a Antroposofia como método. Foi então necessário fazer um levantamento minucioso das obras de seu principal autor e criador, Rudolf Steiner, focado no Capítulo I desta dissertação.

Para melhor compreensão de sua obra, foi também necessário buscar literatura complementar sobre seu pensamento em autores que mencionam as suas contribuições filosóficas.⁹

Foi feita pesquisa bibliográfica em algumas universidades para verificar a existência de estudos sobre o autor ou mesmo indicações de leitura sobre determinados pontos de suas argumentações. Na área de Serviço Social não foi possível encontrar dissertações, teses ou mesmo ensaios sobre Steiner. Na Pedagogia encontramos tese de mestrado sobre a Pedagogia Waldorf. E, na área da Saúde Pública, em particular no campo da Educação em Saúde Pública, foi possível encontrar uma tese de doutoramento sobre a Monte Azul e a filosofia de Steiner. Na área da Educação Escolar, encontramos proposta curricular para escolas que

⁹ Cf. Lanz, Rudolf (1985). *Do Goethianismo à Filosofia da Liberdade*, Editora Antroposófica, São Paulo e *Noções Básicas de Antroposofia*. (1990). Editora Antroposófica. São Paulo; Bos, Alexander (1986). *Os Desafios para uma Pedagogia Social*, Editora Antroposófica. São Paulo; Hemleben, Johannes (1989). *Rudolf Steiner*, Editora Antroposófica, São Paulo; Craemer, Ute (s.d.). *Crianças entre luz e sombras*, Associação Comunitária Monte Azul, São Paulo e *A Questão Social* (1989) Edições Monte Azul, São Paulo; Ignácio, Renate Keller (1995). *Criança Querida - o dia-a-dia das creches e jardim-de-infância*, Editora Antroposófica, São Paulo.

fundamentam seus princípios e pressupostos metodológicos na Pedagogia Waldorf. A Monte Azul também produz literatura sobre a filosofia orientadora de sua prática - a Antroposofia.¹⁰

Para melhor compreender a Filosofia Social de Steiner, recorreremos a algumas contribuições de Goethe¹¹, que fundamentam suas idéias.

Foi importante para o entendimento das idéias de Steiner a nossa trajetória profissional, há mais de duas décadas, atuando com os destinatários da política pública de Assistência Social, com crianças, adolescentes e com famílias.

As fontes de dados privilegiados na pesquisa foram: as visitas aos núcleos; as entrevistas; a análise de documentos (folhetos, planos de trabalho, planejamento estratégico, manuais). As entrevistas foram previamente marcadas com: coordenadora técnica, ex-alunos, moradores, dirigentes, colaboradores e a assistente social.

Os procedimentos aqui explicitados ganham dimensão científica ao balizarem-se na concepção de pesquisa acadêmica de Umberto Eco, na publicação *Como se faz uma tese*. Esse balizamento é percebido tanto na restrição do campo de análise quanto no modo de

¹⁰ Cf. Azevedo, Carmen Silvia Carmona, obra citada; Sttrockmeyer, E.S. Karl (1988). *Currículo de Rudolf Steiner para as Escolas Waldorf*, mimeo; Romanelli, Rosely S. (2000). *Pedagogia Waldorf: um paradigma atual para a educação?* Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, USP

¹¹ Steiner, Rudolf. (1984). *A obra Científica de Goethe*. Antroposófica. São Paulo.

conduzir a investigação literária. Apresentamos uma *tese monográfica* e esperamos fazê-la útil pelas informações sobre a Antroposofia e também sobre o modo de operacionalizá-la em trabalhos sociais. E, tendo em vista a forma escolhida para a apresentação deste estudo, citamos o próprio Umberto Eco:

Quanto mais se restringe o campo, melhor e com mais segurança se trabalha. Uma tese monográfica é preferível a uma tese panorâmica. É melhor que a tese se assemelhe a um ensaio do que uma história ou a uma enciclopédia. (1998:10)

Fundamentamos, também, nossa pesquisa em Minayo (1994) e Pereira (1999), por acreditarem na existência de métodos diferentes e diversificados do proposto pelo cientificismo para as ciências sociais e humanas:

...é necessário dizer que o objeto de estudo das ciências sociais possui consciência histórica. Noutras palavras, não é apenas o investigador que dá sentido a seu trabalho intelectual, mas os seres humanos, os grupos e as sociedades dão significado e intencionalidade a suas ações e a suas construções, na medida em que as estruturas sociais nada mais são que ações objetivadas. O nível de consciência histórica das Ciências Sociais está referenciado ao nível de consciência histórica social. (MINAYO, 1994:14)

Esta pesquisa sobre a prática da Monte Azul apresenta além dessa Introdução, três capítulos, assim distribuídos:

Capítulo I - Antroposofia que trata das contribuições de seu criador Rudolf Steiner cotejadas com outros autores e estudos acadêmicos, destacando o debate sobre a *questão social e a pedagogia social*.

Capítulo II - Associação Comunitária Monte Azul que traça o desenho de suas ações, expressando a missão institucional, os valores, os projetos, os locais de atuação, a organização, os serviços e produtos (a gestão), os objetivos, as estratégias de ação e os impactos na mobilização da comunidade para a melhoria da condição de vida das pessoas atendidas.

Capítulo III - A Antroposofia e o Serviço Social: Uma questão de método que trata de fazer as aproximações entre o método antroposófico e o método do Serviço Social.

Para finalizar a pesquisa, apresentamos como Considerações Finais as lições apreendidas sobre as contribuições da Antroposofia - para o enfrentamento da questão social - a partir da prática da Monte Azul.

CAPÍTULO I

ANTROPOSOFIA

Conceituação

Segundo Abbagnano (1996:83), o termo Antroposofia foi criado por J.P.V. Troxler para indicar a *doutrina natural do conhecimento humano* e adotado por Rudolf Steiner à partir de 1913, ao afastar-se do movimento teosófico buscando compreender a natureza humana e o destino do homem¹². Steiner definiu Antroposofia para o dicionário de Oxford, como *um conhecimento produzido pelo ego superior no homem*. (UNGER, 1946:9).

Tendo vivido em pleno apogeu do materialismo científico e filosófico, conhecendo profundamente as correntes de pensamento do século XIX, dialogando com Nietzsche¹³ e Haeckel¹⁴ e outros pensadores, Steiner se propôs a abrir caminho para uma cosmovisão baseada *na re-*

¹² Steiner fundou a Seção Alemã da Sociedade Teosófica, sendo o seu Secretário-Geral. Nesta Seção aprofundou seus estudos antroposóficos, afastando-se dessa Sociedade por discordar, tanto nas questões do método como de conteúdo, portanto, do que se propagava como princípios teosóficos. Segundo Hemleben, *ele não deixava passar nada, mas nada mesmo, que se originasse de tradição oculta, se não fosse reafirmada por investigação própria*. (1985:81) Também não aceitava qualquer inexatidão na investigação, pois exigia o mesmo rigor científico utilizado por qualquer ramo do conhecimento da ciência ocidental.

¹³ Nietzsche, Friedrich, (1844-1900) filósofo alemão.

¹⁴ Haeckel, Ernest. (1834-1919) porta-voz do monismo materialista.

espiritualização do homem e do Universo. (LANZ, 1985: 7)

Assim, partindo da própria observação científica da realidade, baseando-se na epistemologia de Goethe, elaborou o conteúdo da Antroposofia:

Os fundamentos antroposóficos deram origem a uma nova Antropologia (visando o homem integralmente ligado ao mundo espiritual, físico e social), à Filosofia Social (abrangendo a trimembração do organismo social), à Pedagogia Waldorf, à Medicina Antroposófica, à Agricultura Biodinâmica, à Pedagogia Curativa, etc. (HEMLEBEN, 1998:9)

Rudolf Steiner: fundador da Antroposofia

Nasceu em Krakjevec, na Áustria-Hungria, hoje Eslovênia, em 1861. Filho de ferroviário, morou em sua infância e juventude, em várias cidades da Áustria.

Steiner foi considerado garoto prodígio. Aos 9 anos conseguiu justificar, o que experimentava há um ano, a sua clarividência:

Durante semanas a fio, minha alma foi preenchida pela congruência, pela semelhança dos triângulos, quadriláteros, polígonos; eu quebrava minha cabeça

questionando em que ponto se entrecortariam as paralelas; o teorema de Pitágoras me encantava... Poder aprender algo puramente no espírito trazia-me uma felicidade interna. Sei que na Geometria conheci a felicidade pela primeira vez. (STEINER, apud HEMLEBEN, 1989:19)

Para o menino Steiner o mundo sensorial e o mundo espiritual eram igualmente reais. A geometria veio comprovar que a sua experiência não era fruto de ilusão. Compreendeu desde cedo que precisaria adquirir conhecimento científico através do estudo das ciências naturais, da matemática e da filosofia. E teve a felicidade de encontrar professores que foram calorosos incentivadores de sua evolução intelectual.

As condições econômicas de sua família eram modestas. Aos 10 anos, Rudolf, morava em Neudórfel, pequena aldeia húngara, e muitas vezes caminhava durante uma hora, nos dias de tempo bom ou bem mais, no inverno, com a neve vindo até os joelhos, para freqüentar o liceu da cidade vizinha, Wiener-Neustadt. Em pouco tempo dominou sozinho o cálculo integral, a geometria e a estatística.

Aos quatorze anos, estudava disciplinadamente a filosofia Kantiana: *A Crítica da Razão Pura*. Desde então, entendeu a necessidade de elaborar uma teoria do conhecimento alternativa à de Kant. Não concordava com o princípio kantiano: o cognoscível é apenas aquilo que pode ser apreendido pelos sentidos. Nessa ocasião começou a dar aulas

particulares para custear seus estudos. Aos dezoito anos, graduou-se com louvor no liceu.

Durante o curso no liceu, sentiu uma deficiência: à época, no ginásio se estudava as línguas clássicas, mas o liceu era um curso dirigido aos estudantes que faziam cursos técnicos, portanto não estudavam nem o grego nem o latim. Comprou os manuais e sozinho aprendeu as duas línguas.

Atendendo a um desejo de seu pai, que queria fazer dele um engenheiro, matriculou-se na Escola Politécnica de Viena. Aproveitando o período de férias vendeu seus livros escolares e, com o dinheiro arrecadado, comprou uma série de obras dos grandes filósofos do idealismo alemão: Fichte, Hegel, Schelling¹⁵ e seus seguidores. Dando, assim, prosseguimento às suas investigações pessoais da filosofia, já tendo completado o estudo sobre Kant. A atividade cognitiva do "eu" humano o fascinava, ele queria procurar a verdade através da filosofia. Sabia da importância da matemática e das ciências naturais, entretanto, estava convencido de que os resultados de sua investigação precisariam de uma base filosófica segura.

Steiner tinha dois interlocutores principais com quem debatia suas idéias: um deles, era um homem simples, colhedor de ervas,

¹⁵ Fichte, J. Gottlieb (1762 -1814). Filósofo idealista alemão. Sua principal obra, *Fundamento da Teoria da Ciência*. Seguidor de Kant; Hegel, G.W. Friedrich (1770-1831) Representa o ponto culminante do idealismo alemão. Suas principais obras: *Fenomenologia do espírito* (1807); *Lógica e Enciclopédia* (1817), nas quais defende a

que nada sabia sobre filosofia ou ciências, com uma sabedoria inata. Eles se conheceram no trem; o outro, era um profundo conhecedor de ciências e filosofia que havia estabelecido sua meta de religar a ciência e a espiritualidade.

Para Steiner devia ser combatida a visão materialista, reducionista na leitura da realidade dominante na ciência do século XIX. Sabia, também, que para vencer esse modo de pensar, deveria dominá-lo a fundo. Só estaria capacitado a falar ao homem moderno se compreendesse em profundidade essa cosmovisão.

Foi Karl Julius Schröer, poeta e erudito, professor da Escola Politécnica de Viena quem propiciou a Steiner conhecer a obra e o pensamento de Goethe, convidando-o para editar a epistemologia científica de Goethe. Ao todo foram editados cinco livros, com comentários de Steiner, mostrando o quanto havia progredido em sua reflexão filosófica.

Goethe via o mundo natural como uma complexa totalidade viva e orgânica, em oposição às idéias científicas de sua época. A imensa e sutil diferença em sua epistemologia científica é o pensamento ser moldado pela percepção, um método completamente diferente da proposta cartesiana. Steiner teve como tarefa sistematizar esse pensamento, que vinha ao encontro de tudo que havia descoberto em sua própria experiência. Ao encerrar a edição do último volume dos

primazia do pensamento; Schelling, W.J.Von Friedrich Filósofo do idealismo alemã. Também defende a primazia do pensamento.

escritos goethianos, estava pronto para criar a Antroposofia, construindo conhecimento em domínios diversos como: filosofia, pedagogia, medicina, farmacêutica, terapias, agricultura, arquitetura, teologia e artes plásticas.

Em 1891, Steiner conclui seu doutorado em Filosofia, com o tema: *A questão fundamental da gnosiologia, com especial consideração à doutrina científica de Fichte.*

A partir de 1900 inicia intensa atividade de escritor e conferencista, o que permitiu transmitir o resultado de suas pesquisas. Proferiu mais de 6.000 conferências, não só na Alemanha, como por toda a Europa. Hoje, grande parte delas está editada.

Em 1910, apresenta seus dramas de mistério, utilizando-se da arte teatral para mostrar pessoas no caminho do auto-conhecimento. Foram apresentados, respectivamente, um por ano: *O portal da iniciação; A provação da alma; O guardião do Limiar e O despertar das almas.* Então, de 1902 e 1923, investe na elaboração e divulgação da Antroposofia.

A construção do primeiro Goetheanum, foi iniciada em 1913: um edifício com palco apropriado para a representação teatral, e, ao mesmo tempo, um centro de atividades da Antroposofia. A construção foi realizada com base na arquitetura, escultura e pintura antroposóficas.

A primeira Escola Livre Waldorf foi fundada - para filhos de trabalhadores da indústria Waldorf-Astoria, em Stuttgart, em 1919, e dirigida por Steiner até a sua morte. Essa escola existe até hoje, em Hausmanstrasse. Hoje, no mundo existem cerca de 700 escolas Waldorf e no Brasil, 10. (Ignácio, 1995:10)¹⁶

Ainda, nesse ano, Steiner realizou conferências para milhares de operários sobre os pontos centrais da questão social. Daí surgiu um movimento intenso, juntando muitas personalidades, algumas totalmente alheias ao círculo antroposófico. Foi criada a Associação para a Trimembração do Organismo Social.

Segundo, Hemleben, a idéia básica desse movimento para a trimembração, proposta por Steiner, residia num desenredo entre Estado, economia e vida espiritual, pois *a vida social da humanidade só poderia tornar-se sadia se fosse conscientemente organizada. A individualidade que se tornou independente não mais pode reconhecer a onipotência do Estado. Todas as instituições do Estado e da economia devem ser dispostas de tal forma que não possa ser tocada a dignidade do homem que trabalha.* (1985:122)

¹⁶ Segundo Renate Keller Ignácio, coordenadora da Monte Azul, as escolas Waldorf estão localizadas nas seguintes cidades: 04 em São Paulo; 01 em Florianópolis; 01 em Botucatu; 01 em Ribeirão Preto; 01 em Bauru; 01 em Cuiabá e 01 em Camanducaia, além de escolas infantis (jardins de infância e creches) e programas sociais no campo da saúde, educação, cultura e artes.

Para melhor compreensão de seu pensamento, Steiner recorreu aos ideais da Revolução Francesa - igualdade, liberdade, fraternidade - para o desenho do papel Estado, assim explicitado:

1. *O Estado do passado (e antes de mais nada todos os estados totalitários que nasceram desde 1919 e, em parte, já pereceram) ultrapassava e ultrapassa os limites que lhe foram estabelecidos. Sua esfera como estado jurídico público deve restringir-se à vida política propriamente dita e à tarefa de proteger seus cidadãos interna e externamente. O braço do Estado deveria alcançar desde o direito dos pobres, passando pelo direito de trabalho, até o direito penal com as suas instituições necessárias (polícia, exército). Não além! Perante ele vige para todos IGUALDADE.*

2. *Mas o Estado não deveria, ele mesmo, ser empresário econômico. De maneira crescente, a economia constitui-se em um assunto de espaços amplos, em que estão envolvidos muitos e, em última instância, todos os povos. Não deveria representar a norma, mas uma medida de emergência, o fato de um estado ocupar-se como empresário econômico. Em contrapartida, todos que participam do processo econômico (produção, circulação de mercadorias e consumo) deveriam colaborar por meio de formação de grêmios de produtores e consumidores. Trata-se aqui de realizar, de modo não sentimental, a FRATERNIDADE.*

3. *E finalmente: o Estado deveria renunciar (nos EUA já se fizeram maiores progressos nesse sentido do que na Europa) a tutelar espiritualmente os seus cidadãos. Em todos os assuntos de Arte, Ciência (também ensino) e Religião deve-se garantir LIBERDADE.*

LIBERDADE no espírito, IGUALDADE perante o direito, FRATERNIDADE na economia. (Steiner, apud Hemleben 1989:124)

Para o debate e as condições políticas da época, esse movimento de trimembração foi esvaziado pela falta de interesse dos políticos e do movimento sindical (de trabalhadores e de empresários) que não queriam algo realmente novo. No entanto, a criação da associação contou com decisiva participação de operários. Assim, *aquilo que dependia da livre compreensão e boa vontade tornou-se objeto de contenda de políticos não dispostos a meter-se com algo realmente novo. De um dia para outro, Rudolf Steiner chamou seus colaboradores e encerrou essa experiência, diríamos, histórico-universal para a solução da questão social. (HEMLEBEN,1989:124)*

Em 1920, é fundada a primeira clínica Antroposófica, em Arlesheim - Suíça, existente até hoje. Steiner, através de cursos para médicos e estudantes de medicina, inicia a aplicação prática da Medicina Antroposófica. Escreve, em co-autoria com Ita Wegman, o livro *Elementos fundamentais para uma ampliação da arte médica segundo conhecimentos científico-espirituais.*

Em março de 1925, aos 64 anos, morre Rudolf Steiner, o criador da Antroposofia, em Dornach, Alemanha. Seu empenho pessoal foi *dirigido a constituir uma filosofia que representasse o reconhecimento à complexidade da realidade evitando, entretanto, o sincretismo.* (AZEVEDO, 1999:43-44) Foi tachado, segundo Hemleben, de *darwinista, de seguidor de Haeckel, de partidário de Nietzsche e assim por diante.* Sobre essa situação, pondera o próprio Steiner: *Foi assim com as pessoas, foi assim com as concepções do mundo.*(1985:62)

As contribuições de Steiner continuam sendo estudadas e aplicadas por vários ramos do conhecimento, apesar de sua complexidade e distinção em relação à ciência clássica. Seu grande mérito consiste em empregar, com rigor e disciplina, o método da ciência moderna em suas pesquisas no campo da ciência espiritual.

Antroposofia: método da Monte Azul

O bem uma integralidade formada por pessoas que trabalham em conjunto é tanto maior quanto menos o indivíduo exigir para si os resultados de seu trabalho, ou seja, quanto mais ele ceder estes resultados a seus colaboradores e quanto mais suas necessidades forem satisfeitas, não por seu próprio trabalho, mas pelo dos outros. (STEINER, 1983:21)

Logo após a primeira guerra mundial, visando amenizar o caos social imposto pelo conflito, Steiner apresentou ao mundo, a

trimembração da vida social, uma sociologia espiritual. As denominações variam em função das várias traduções do alemão para o português: trimembração da ordem social, estado trimembrado, comunidade tridimensionada, mas qualquer que seja o nome, o essencial é percebemos que se trata de um novo paradigma para o entendimento da *questão social*.

As idéias de Steiner em relação ao Estado requerem que este seja um organismo trimembrado. Ou seja, tudo o que se refere à vida jurídica, política e de estado teriam sua administração num parlamento democrático, responsável unicamente por fixar e garantir as relações entre os homens segundo o direito público; a vida econômica (produção, comércio e consumo de mercadorias) também teria administração própria, seria incumbência de um conjunto de organizações independentes, e a vida espiritual seria totalmente desmembrada dessa estrutura político-jurídica e econômica, sendo administrada de maneira independente e com liberdade;

Essa idéia de Estado trimembrado apoia-se nos três princípios da Revolução Francesa - liberdade, igualdade, fraternidade - que, no seu entendimento, relacionam-se estreitamente com a organização ternária da sociedade, assim proposta: o princípio da *liberdade*, no pensar, na educação, na religião e na cultura; o princípio da *igualdade*, na vida social, jurídica e política; o princípio da *fraternidade*, na economia.

No início do século XX, Steiner dizia que a vida econômica representava a realidade: a maneira como se produz, como são produzidas e distribuídas as mercadorias, como são consumidas... *Tal cosmovisão esvazia a alma do homem*, afirmava. O estado de vazio da vida espiritual, segundo o autor, é o que deve ser apreendido como primeiro aspecto da questão social. O segundo aspecto da questão social é uma questão de direito. O terceiro é o aspecto econômico.

É suficiente observar a própria vida humana para se perceber que ela, tal como o homem, situa-se na sociedade de modo trimembrado. São três membros que se distinguem bem nitidamente um do outro, quando observamos o homem em sua posição na sociedade humana. O primeiro exige que cada pessoa possua antes aptidão e vocação individuais para poder contribuir com algo, para poder contribuir nos assuntos comunitários, no trabalho em comum e na produção de valores e bens comunitários, como a sociedade moderna o exige para o bem da ordem social. O segundo exige que a pessoa seja capaz de viver e trabalhar em paz com seu próximo e o terceiro que o homem encontre o lugar de onde possa intervir com sua atuação e seu empenho a favor dos outros.

Com relação ao primeiro membro, o homem depende de que a sociedade humana desenvolva suas capacidades e habilidades, conduza seu espírito e, concomitantemente, faça esse espírito desenvolver-se nele, tornando-se o dirigente para um trabalho físico. Com respeito ao

segundo membro, o homem precisa conseguir assimilar-se a uma estrutura social na qual as pessoas sejam capazes de entender-se entre si, de modo a poderem viver em paz. O primeiro nos leva a esfera da vida espiritual. O segundo nos conduz à esfera da vida jurídica, porque ela não poderá desenvolver-se conforme a sua natureza senão quando se encontrar uma estrutura social na qual os homens consigam cooperar, atuar e trabalhar em paz uns com os outros. E o terceiro nos leva à vida econômica moderna, que, como a descrevi, é considerada por Woodrow Wilson¹⁷ semelhante ao homem crescido a boa altura mas vestindo roupas pequenas demais, nas quais ele não cabe de modo algum. Essas roupas estreitas são os antigos conceitos jurídicos e políticos: a vida econômica há muito cresceu para além delas. (STEINER, 1986:20-21)

No tocante ao debate da *questão social* pode-se dizer que a conclusão que ele chega é de que a vida econômica superou a vida jurídica e a vida espiritual ao afirmar que a mentalidade moderna tem dado total destaque à vida econômica em relação à vida jurídica e à vida espiritual.

Rudolf Steiner, por meio da Antroposofia, pretendeu entender, além dos aspectos físicos, os não físicos do homem e do mundo, utilizando-se de métodos da ciência ocidental .

¹⁷ Wilson ,Woodrow (1856-1924) presidente dos EUA, em 1912-1920.

Na obra *Teosofia*, Steiner ensina que o ser humano e a terra existem integrados - o corpo, a alma e o espírito do homem - estão relacionados às três esferas básicas do Universo: o corpo físico, ao mundo físico; o espírito, à região dos espíritos; a alma, ao mundo anímico. (1996:19)

Nessa perspectiva, entende-se:

(...)por corpo aquilo por cujo meio as coisas em redor do homem se lhe apresentam - como, por exemplo, as flores no campo; por alma, deve-se entender aquilo por cujo intermédio o homem associa as coisas ao seu próprio existir, sentindo nelas alegria e dor, prazer e desprazer; por espírito, entende-se o que lhe apresenta quando ele (segundo Goethe) contempla as coisas "como ente divino".

(...)O homem é, pois, cidadão de três mundos. Por seu corpo ele pertence ao mundo percebido também com seu corpo; por sua alma edifica para si seu próprio mundo; por seu espírito se lhe manifesta um mundo elevado acima dos outros dois. (STEINER,1996:26)

Para Steiner o corpo físico do homem é constituído pelos mesmos elementos químicos do mundo, por essa razão os fenômenos do corpo físico podem ser explicados pelas leis físicas, químicas e matemáticas. Porém, na constituição do ser total existem os corpos não físicos, os seres orgânicos possuem um segundo corpo que permeia o

corpo físico - é o corpo etérico ou corpo vital. E, além dele, existe o corpo astral ou alma. É um corpo superior ao corpo etérico e permite ao homem vivenciar o plano espiritual.

O homem possui um centro autônomo, que segundo Steiner (1987), é o EU, pelo qual o homem participa de um plano superior - o plano espiritual. O EU influencia e transforma os membros inferiores, e a evolução da cultura humana exprime a ação do EU sobre os corpos inferiores. Segundo ele o homem centraliza no "EU" o seu ser, assim concebido:

- O corpo astral que recebe impulsos e impressões dos mundos físico e superiores. É através dele que o homem pensa e interage com a realidade;
- O corpo etérico que lhe dá vida e fornece o instrumento para o pensamento e a memória;
- O corpo físico.

Portanto, uma *pessoa espiritualmente cega*, nas palavras de Steiner, conhece apenas a primeira esfera existencial (o mundo físico), vivenciando vagamente o mundo anímico e desconhecendo a esfera espiritual. Porém, em cada ser humano há faculdades latentes, através das quais ele pode adquirir conhecimentos dos mundos superiores.

Por essa razão, Steiner, considera importante cuidar da educação da criança. Pois, somente através da educação de cada ser

humano, num caminho interior de crescimento e conscientização, que o caos social, ecológico e humano poderá ser amenizado.

Lanz (1990) entende a Antroposofia como ciência, pois:

(...)o seu conteúdo é uma filosofia, obtida por aprendizado espiritual, que fala sobre o desenvolvimento e a missão do homem e da humanidade. Assim sendo, ela não se limita a afirmar e expor resultados; indica o seu método e o caminho de pesquisa a ser seguido para que se possa alcançar o conhecimento dos fatos expostos, nunca exigindo fé cega. (...) Distingue-se da especulação filosófica, pelo seu fundamento em fatos concretos e verificáveis, pelo fato de o pesquisador, que utiliza os métodos por ela preconizados, manter a sua plena consciência, sem qualquer transe, mediunismo ou estado extático ou de excitação artificial. A antroposofia é ciência, mas uma ciência que ultrapassa os limites com os quais a ciência comum esbarrou, porque não conseguiu responder às eternas perguntas do homem. (1990:14)

O impulso para a trimembração social age para levar a uma cooperação verdadeira tudo o que age ou está destinado a agir em conjunto. Basta conceder ao espírito força para intervir na vida prática, e isso se concretizará. Não devemos encerrar hermeticamente o espírito na abstração, mas, outrossim, conceder-lhe influências sobre a vida.

Então, o espírito fecundará a vida econômica, que de outra forma permanecerá estéril, tornando-se insustentável.

Craemer (1989), traduz assim o pensamento de Steiner a respeito da neutralização da posse da terra. A terra, segundo ele, não pode pertencer a ninguém.

Se a terra se torna uma mercadoria, ela gera injustiça. Ela não foi produzida pelo homem e ninguém investiu nela, no seu estado "cru". Por isso ela não faz parte da vida econômica que só é ligada à produção, circulação e consumo. Mas as pessoas devem ter o direito de uso; a questão da terra é uma questão jurídica e não econômica. (1989:24)

Steiner afirma que não se pode esperar soluções, para o enfrentamento da *questão social*, dadas pelo Estado, uma vez que ele não está pensado para atender o homem em suas três dimensões - *corpo, alma, espírito* - pois não considera os ensinamentos da ciência espiritual, na compreensão e avanço do conhecimento sobre as causas que estão na origem das condições de vulnerabilidade social.

A Antroposofia ao lidar com o ser humano como *corpo, alma e espírito*, entende que as necessidades básicas para o desenvolvimento do homem precisam ser atendidas, independente da condição social, racial, étnica, etária. As necessidades humanas (individuais, sociais e

coletivas) devem ser providas para a manutenção da vida, entendida como desenvolvimento completo da natureza humana.

Azevedo, citando Frei (1988), diz sobre os direitos humanos:

O direito ao amparo contra a vulnerabilidade física, como o primeiro direito fundamental, que se deriva do corpo físico. Sem o corpo físico, o instrumento do homem espiritual fica afetado. O direito de um provisão suficiente para a manutenção da vida e da saúde deriva da existência do corpo etérico. Da existência do corpo astral deriva a necessidade e o direito do amparo da natureza afetiva do homem. E do "EU" deriva o direito fundamental da igualdade, da liberdade de pensamento, da palavra e da ação fundamentada na moral. (1999:52)

Faleiros (1999) em *Estratégias em Serviço Social*, trata de modo singular a *questão social*, ao articular a discussão deste tema ao objeto do Serviço Social:

... precisa ser rigorosamente definida em diferentes contextos históricos, distinguindo-se a visão progressista da visão conservadora do problema. (...) Do ponto de vista epistemológico, a questão social precisa ser vista à luz de diferentes paradigmas, na discussão de seus dimensionamentos que entendemos estar vinculados às relações sociais (1999:24-40)

Observando as contribuições de Frei, trazidas por Azevedo (1999) sobre o assunto, destacamos:

(...) não é possível, nenhuma configuração social, verdadeiramente humana, sem que se reconheça a existência do lado espiritual como força propulsora essencial para o mundo. A inconsistência dos fins evolutivos e um pensar exclusivamente materialista, levará, cada vez mais a decadência, inclusive das relações sociais. No homem moderno surge, se bem que de maneira não totalmente clara, a consciência de que com a natureza e com a dignidade da existência humana, se vinculam inseparavelmente, um certo número de direitos e de liberdades fundamentais. Determinados direitos fundamentais são expressos e garantidos na maioria das constituições nacionais. Com respeito ao conceito jurídico de índole exclusivamente positivista, existe o perigo de considerar todo direito, somente, como resultado da confrontação de forças entre diferentes categorias de interesse. Tal perigo, pode ser evitado com o conceito espiritual do ser humano. Este conceito permitirá levar em consideração o aspecto espiritual do ser humano para o estabelecimento dos direitos, e para reconhecer, como verdadeiros direitos humanos, as exigências fundamentais que para a existência terrena se derivam da natureza física, anímica e espiritual do homem. (1988:54)

Positífica Universidade Católica
de São Paulo

Biblioteca Nadir Gouvêa Kfourí

Craemer (1989), uma das fundadoras da Monte Azul reflete sobre a *questão social*:

Olhando ao redor de nós vemos como a miséria material e espiritual, a injustiça, a exploração, o assassinato, a violência e as guerras se alastram cada vez mais pelo mundo. Isto poderia nos deixar cair em desespero, sem vontade de viver se não houvesse no meio desse caos social, ecológico e humano o germe de algo novo querendo se desenvolver. Alguém que sente em si perguntas a respeito dessa realidade e talvez queira contribuir para melhorá-la, se vê em frente da seguinte questão: qual a origem de toda essa miséria? (1989:18)

Nesse sentido, Steiner pondera que as situações de miséria são provocadas pelos seres humanos, portanto, devem ser amenizadas ou eliminadas através da atuação humana. Quando isso não ocorre a falha pode estar nas instituições, construções humanas: *Quem foi que tomou as medidas que redundaram em riqueza de uns e pobreza de outros? A antroposofia ensina que todos os males, denominados sociais, provêm também das ações humanas. Claro está que não o ser humano individual, mas certamente a humanidade como um todo é forjadora de seu próprio destino. (STEINER, 1983:15)*

A ciência espiritual não deve permanecer apegada à superfície para a compreensão da *questão social*, pois, essa atitude atribui um poder infundado às condições exteriores que são apenas

expressão de uma vida interior. As condições em que vivemos são criações das almas humanas, refletem seus sentimentos, suas atitudes e seus pensamentos. As condições que vivemos são criadas pelos nossos semelhantes, e estão baseadas no princípio do proveito próprio. Só poderemos criar melhores condições, se modificarmos nossos pensamentos, atitudes e sentimentos.

Ele realmente acredita que nenhuma classe social provoca o sofrimento de outra com más intenções. Todo o explorador de seu semelhante preferiria que suas vítimas de exploração não sofressem. A antroposofia mostra que a penúria humana é consequência do egoísmo. E, sendo assim, uma comunidade de pessoas, baseada no egoísmo, se confrontará com a miséria e a penúria.

Sim, - retrucarão muitos que "pensam em termos sociais", mas o que devemos fazer com este tipo de afirmação? Quer dizer que o explorado deve posicionar-se de maneira benévola diante de seu explorador? Não é mais do que compreensível o primeiro odiar o segundo e, a partir deste ódio, ser levado a tomar seu próprio partido? Seria mesmo uma receita muito ruim - assim prosseguirão - se o oprimido fosse persuadido a amar o próximo, mesmo sendo este seu opressor, como por exemplo, no sentido da frase do grande Buda: "Apenas o amor e não o ódio superará o ódio". (STEINER, 1983:15)

Steiner argumenta que a "ciência social" analisa apenas o exterior, deixando de considerar as forças mais profundas da vida humana, tornando-se, assim, incapaz de despertar nas pessoas o sentimento da existência dessas forças e a possibilidade de aquisição de uma outra concepção de mundo.

Portanto, a lei social apresentada pela ciência espiritual postula que: *o bem de uma integralidade formada por pessoas que trabalham em conjunto é tanto maior quanto menos o indivíduo exigir para si os resultados de seu trabalho, ou seja, quanto mais ele ceder estes resultados a seus co-laboradores e quanto mais suas necessidades forem satisfeitas, não por seu próprio trabalho, mas pelo dos outros.* (STEINER, 1983:21) Nessa lógica, a fraternidade na economia dependerá do trabalho de pessoas no caminho que lhes permita sair do egoísmo. É importante, pois, ajudar as pessoas a ter uma concepção de mundo que penetre suas almas, estimulando-lhes a vida interior.

Por essa razão, Steiner afirma que quem quer atuar na vida deve primeiro compreendê-la. Os pensamentos da ciência espiritual instigam a percepção e aguçam a compreensão para as exigências sociais, são um caminho para a formação de um pensar, julgar e sentir, prenhes de vida.

Steiner, durante anos investiu na elaboração da Pedagogia Waldorf, pois, acreditava que a educação da criança fosse decisiva para a

instrução de uma comunidade saudável. Porém, a educação e o ensino deveriam não somente cultivar o conhecimento unilateral e o desenvolvimento das aptidões intelectuais, mas, principalmente, investir na capacitação e no querer do ser humano.

As escolas elementares têm a invejável tarefa de fazer do homem nada mais do que um homem no sentido mais perfeito da palavra. Elas têm que se perguntar quais aptidões jazem em cada homem e o que devemos levar ao desenvolvimento de cada criança para que um dia ela represente a natureza humana em sua harmônica totalidade. Se a criança vai ser mais tarde médico ou construtor de navios, isso pode ser, para o pedagogo em cujas mãos ela é entregue para ser educada, totalmente indiferente. Ele tem que fazer dessa criança um homem. (STEINER, 1898)¹⁸

A Pedagogia pensada pelo austríaco Steiner concebe o ser humano trimembrado e respeita a lei do carma, qual seja, o efeito das várias encarnações umas sobre as outras.

Steiner ensina que devemos apreender as coisas não só com o intelecto, mas devemos aprofundar-nos nas concepções. Isto permitirá que os seres humanos estabeleçam entre si direitos iguais para todos, e

ado por Stockmeyer, E. A. Karl (1976). *Currículo de Rudolf Steiner para as escolas Waldorf*. Editado pelo Centro de Pesquisas Pedagógicas da Associação das Escolas Livres Waldorf. Mimeo.

então só se falará da economia, permeada pelo espírito e pela justiça, estabelecendo a verdadeira sociedade comunitária.

Entretanto, o espírito somente existirá se houver instituições onde se elabora uma concepção espiritual e onde não se debata apenas a natureza externa, trabalhando-se apenas no sentido do materialismo. (STEINER, 1986:151)

A Antroposofia propõe o paradigma da comunidade tridimensionada: o homem considerado um microcosmo integrante de um macrocosmo: tudo está unido, o micro no macro, o macro no micro; o ser humano é criação de seres superiores, constituído de corpo físico, corpo anímico (a experiência das encarnações) e o corpo espiritual (onde mora a índole¹⁹ dos seres humanos).

A elaboração da ciência espiritual é resultado de uma busca interior de Rudolf Steiner. Ele refutou o materialismo desde criança, pois vivia o mundo espiritual e a complexidade da Natureza.

Na medida em que as condições o permitam, a ciência espiritual também encontrará as formas de expansão apropriadas para falar ainda a outros círculos. Somente aquele que quer dogmas prontos e rígidos poderá acreditar que a forma atual dos ensinamentos da ciência espiritual seja definitiva ou até mesmo a única possível.
(STEINER, 1983:26)

¹⁹Índole entendida como o temperamento.

O admirável espírito científico de Rudolf Steiner, no mínimo chama a nossa atenção. A vida do seu EU refletia sua busca científica, pois aos 22 anos começara a editar a obra científica de Goethe. Um trabalho demorado e minucioso, revelador das bases filosóficas da antroposofia.

A expansão do pensamento materialista estimulava suas pesquisas filosóficas. Em uma de suas conferências, cita Aristóteles²⁰:

tudo o que está em redor de nós, mesmo aquilo que pertence aos mundos invisíveis, torna necessário que contraponhamos ao formal da realidade um elemento material. Para Aristóteles o conceito de Deus é pura atualidade, um ato puro, isto é, um ato em que a atualidade, ou seja, a doação da forma, tem ao mesmo tempo a força de trazer à expressão sua própria realidade - não sendo uma coisa contrária à matéria, e sim algo que em sua atividade pura é, ao mesmo tempo, a realidade completa. (STEINER, 1994:40)

Comentando sobre Descartes²¹:

Se acaso, seduzidos pela confusão, disséssemos como o filósofo Descartes quis dizer "Penso, logo existo", seríamos negados pela realidade a cada vez que dormíssemos. É

²⁰ Aristóteles (384-322 a C) Filósofo grego.
²¹ Descartes, René (1596-1650). Filósofo, matemático e fisiologista.

que aí nós existimos sem pensar. O pensamento não assegura a realidade do eu. O certo, porém, é que nada existe que nos proporcione a vivência do verdadeiro eu senão o pensamento puro. É no pensamento puro, e para a consciência humana comum só nele, que o eu real penetra. Quem só pensa chega apenas ao pensamento do eu; quem vivencia o que pode ser vivenciado no pensamento puro, vivenciando o eu pelo pensamento, faz com que uma realidade, sendo ao mesmo tempo forma e matéria, se torne conteúdo de sua consciência. Mas além desse eu nada existe por enquanto, para a consciência comum, que ao mesmo tempo mergulhe no pensamento forma e matéria. Todos os outros pensamentos não são, por enquanto, imagens de uma completa realidade. Porém, quando se experimenta no pensamento puro a vivência do verdadeiro eu, fica-se conhecendo o que é a realidade completa; e, a partir dessa vivência, pode-se penetrar mais em outros domínios da verdadeira realidade. (1994:42)

É isso que a Antroposofia tenta fazer, segundo Steiner: nãoagnar na consciência comum, buscar a consciência transformada, gida à vivência de um mundo espiritual - supra-sensível. Para seguir isso é necessário exercitar a vontade e o sentimento.

Eu vivia com a minha própria alma num mundo que confina com o mundo externo; mas sempre me era preciso ultrapassar um limiar, se quisesse tratar com o

mundo externo. Mantinha as relações mais animadas; mas, em cada caso, tinha de passar de meu mundo para esse relacionamento como que através de uma porta. Isso me parecia, cada vez que entrava no mundo externo, como se fizesse uma visita. Todavia, isso não me impedia de me entregar, com a mais animada simpatia, àquele que estava visitando; até me sentia bem em casa, enquanto durava a visita. (STEINER, 1989:61)

A vida da alma pode ser fortificada através do pensamento imaginativo - conseguido sob a influência da percepção sensória executada pelo apelo de um esforço interior. Um pensar que não seja acompanhado de conceitos abstratos, um pensar perceptivo que na vida comum só vive em imagens sensoriais.

Para Steiner não importa o que pensamos, e, sim, a consciência de tal atividade, que não pode ser exercida pela consciência comum. Desse modo, percebemos a realidade supra-sensível, vivendo o nosso EU, que na vida comum da alma é sorvido pelo organismo corpóreo. Para quem procura o conhecimento, é necessário vivenciar a entidade humana supra-sensível, deixando a percepção moldar o pensamento puro. A representação mental será um trabalho interior da alma.

Steiner afirma que o homem para adquirir conhecimento da verdadeira realidade deve admitir que o conhecimento adquirido pelos

meios comuns de aprendizado não é suficiente, os meios de conhecimento têm de ser primeiro aperfeiçoados.

O reconhecimento da consciência passível de transformação e, conseqüentemente, de uma verdadeira pesquisa da realidade está ainda fora das cogitações da atualidade - talvez mais longínqua do que quando, na época de Copérnico, o homem aceitou o sistema cósmico físico desse pensador. Mas assim como esse sistema encontrou acolhida nas almas humanas através de todas as dificuldades, a Ciência Espiritual Antroposófica também a encontrará. Também é difícil que ela seja compreendida pela filosofia da atualidade, pois esta se origina de uma ideologia que não pôde desenvolver as sementes frutuosas de uma técnica conceitual despreconcebida, já residente no aristotelismo. Porém dessa imperfeição surgiu a outra, já apresentada aqui: o fato de, mediante teias de conceitos artificiais, os homens se haverem fechado à verdadeira realidade, que se transformou numa "coisa em si" inatingível. (...) É necessário que a Filosofia, com seu sistema conceitual, se esforce por chegar a um conhecimento despreconcebido de suas próprias bases. Não entra aqui em cogitação a Antroposofia contradizer uma Filosofia sadia, e sim que uma nova teoria do conhecimento válida para uma ciência contradiz as bases mais profundas de uma verdadeira Filosofia. Essa teoria do conhecimento encaminha-se por sendas erradas, precisando primeiro

abandoná-las caso queira desenvolver compreensão pela concepção antroposófica do mundo. (STEINER, 1994:47)

Partindo da concepção do homem trimembrado em corpo, alma e espírito, a Antroposofia, incluindo a pedagogia, a medicina, a agricultura - *a questão social* - foi pensada para dar respostas ao homem total, trimembrado.

Steiner parecia prever a complexidade da economia atual. Ele difundia estabelecer a economia regional dentro da economia geral. Ele traz um modelo de economia regionalizada, que negocia consigo mesma; o território é estabelecido e os produtos não são vendidos para fora e nada é comprado de fora. E argumenta que a formação de preços num âmbito mais amplo se torna extraordinariamente complexa.

Diz ser impossível abranger as conexões da área econômica. Dá um exemplo prático do seu pensamento: se um sapateiro ficasse doente, teria interrompida sua produção de sapatos durante três semanas; os sapatos produzidos por ele faltariam na economia. Supondo que o médico fosse hábil e o curasse em oito dias, daí ele poderia produzir sapatos nos outros 15 dias. No sentido econômico argumenta: quem terá fabricado então os sapatos? Nesse momento do processo econômico, ele entende, ser o médico o fabricante de sapatos.

Continuando sua reflexão sobre as formas de capital, pergunta: o médico recebeu o pagamento correspondente pelos sapatos? Não, o médico não recebeu pagamento pelos sapatos. Poderíamos, então,

lar quanto custariam os sapatos que o médico produziu, projetar o tudo num balanço a longo prazo, incluí-lo em seus custos de ação; dessa maneira, perceberíamos que os custos se equivaleriam, seria tão diferente dos custos de todos os sapatos que ele produziu e todos os cervos que abateu (referência a um caçador, cliente do co). Mesmo assim, o cálculo econômico não seria correto se temos o balanço sem vincular à sua formação todos os sapatos que seria fabricado, todos os cervos que teria abatido ao curar um dor. Ele diz que o processo econômico vai ficando naturalmente complexo e o pagamento também fica extraordinariamente difícil.

Concluindo, afirma que quem procura procedimentos simples adotados no processo econômico certamente não chegará a concepções econômicas que retratem a realidade. (STEINER, 1998:111)

A dificuldade de todas as teorias econômicas dos últimos tempos, segundo Steiner, foi o fato de terem começado querendo entender o fluante. Muitas pessoas, ao elaborar teorias econômicas, equivocaram por observarem em condições estáticas as coisas em movimento constante.

Não é possível apreender o processo da economia partindo do conhecimento. Devemos apreender o processo da economia, vendo-a, segundo Steiner, de dois modos:

- Quando aparece o valor, ao ser a natureza modificada pelo trabalho, ou seja, quando transparece a natureza através do trabalho;
- Quando aparece o valor, ao ser visto o trabalho através do espírito.

No primeiro modo, evidencia o valor natural manifestado na formação da renda da terra ao percebermos a natureza modificada pelo trabalho, e no segundo modo aparece mais o valor que se manifesta no capital ao enxergarmos o trabalho modificado pelo espírito. O preço surge quando os valores desses modos se confrontam ou quando os valores, dentro de um dos modos, entram em interação.

Devemos nos ater à maneira como se formam os valores de um modo e de outro. Só então, poderemos adentrar o problema do preço, a questão crucial para a ciência econômica. (STEINER, 1998)

A respeito da ciência econômica, Steiner introduz:

A palavra "egoísmo" pode ser encontrada em tempos bem antigos, se bem que talvez não na acepção incisiva de hoje em dia. O contrário dela, a palavra "altruísmo", com seu sentido de "pensar no outro, mal existe há uns cem anos²², pois foi cunhada como palavra só muito tarde; por isso podemos dizer - sem dar muita ênfase a essa

²² Pelo francês altruisme, termo cuja criação é atribuída a Augusto Comte no início do século XIX. (N.E.)

exterioridade, embora uma observação histórica o evidenciasse - o seguinte: a apreciação do altruísmo ainda estava longe de ser incluída nas reflexões éticas quando sua observância na economia, mediante a divisão do trabalho, já era um fato. Considerando o altruísmo como exigência econômica, disso decorre de imediato que devemos descobrir para a atividade econômica um caminho segundo o qual - para o método moderno de atividade econômica - pessoa alguma tenha de cuidar de si mesma e cuide somente dos outros, resultando disso a melhor maneira de se cuidar de cada indivíduo. Tal idéia poderia ser vista como idealismo; porém chamo mais uma vez sua atenção para o fato de que nestas conferências não falo nem em sentido idealista nem ético, mas econômico. Não é nem um deus, nem uma lei moral, que exige, na vida econômica atual, o altruísmo no trabalho, na produção de bens. É, pois, uma categoria inteiramente econômica que exige isso.
(STEINER,1998:44)

A lógica da Antroposofia pensa o organismo social trimembrado com o Estado não intervindo em assuntos econômicos. O princípio da Igualdade nortearia as ações na vida social, jurídica e política. A trimembração do organismo social prevê o Estado com outra lógica - seria responsável por garantir e fixar as relações entre os homens segundo o direito público.

Para Steiner, com o decorrer da divisão do trabalho inicia-se o capitalismo e a economia monetária. Para ele o dinheiro é algo abstrato com relação aos processos econômicos específicos. *O dinheiro não é outra coisa senão o valor, expresso exteriormente, gerado pela divisão do trabalho e transferido de uma pessoa para outra.* (STEINER, 1998:53) Com 10 reais podemos comprar um almoço, um chinelo ou uma revista. Tanto faz para o dinheiro o que se compra, ou pelo quê lhe trocam. O dinheiro existe no organismo econômico onde prevalece a divisão do trabalho.

Na economia o que importa não é somente o fato de se comprar e vender; trata-se, sim, da posição econômica em que se encontram comprador e vendedor. O homem encontra-se inserido no processo econômico, como consumidor. Porém, quando se ocupa com algo economicamente fora do consumo, fica numa posição totalmente diferente do consumidor.

Steiner inclui no raciocínio econômico o trabalho que atua no processo econômico - tal como o físico inclui em suas ponderações físicas o trabalho. Suponhamos um raciocínio físico ao estabelecer uma fórmula que abrange massa e velocidade. Temos condições de avaliar a massa através de uma balança. Se não fosse a balança nada poderíamos avaliar no processo de trabalho físico. Será possível existir algo semelhante no processo econômico? Algo que faça com que o trabalho confira valor às coisas? Existe algo no processo econômico que possa ser comparado ao trabalho no sentido da Física. Observando o progresso

dos processos econômicos percebemos existir algo que provoca todo esse movimento. Para Steiner, seria mais interessante esse movimento, se houvesse uma força propulsora, uma sucção do outro lado. Se existisse uma força inerente ao processo econômico. (STEINER,1998:132)

Não há lugar no processo econômico onde não se possa falar de vantagem e lucro. O lucro não é algo abstrato, a ele se liga a ambição econômica do ser humano. Esta ligação com a lucro movimenta o processo econômico, é o que o propulsiona. Corresponde, no processo de trabalho na física, à massa.

Steiner tem uma lógica diferente ao analisar a questão social. Ele considera o homem, em sua natureza íntima. Em relação à questão econômica diz não poderemos formar conceitos econômicos senão apreendendo as coisas de modo imaginativo, através de imagens. A experiência sensitiva não poderá ser retirada do processo econômico complexo. Pois, mesmo o camponês, que nunca estudou lógica econômica, saberá dar valor a um animal, a um arado etc. Ele correrá o risco de errar, mas mesmo uma pessoa doutorada em lógica econômica corre esse risco.

O filósofo recorre ao mundo microfísico para exemplificar um outro juízo acerca do trabalho. Os organismos humano e animal digerem alimentos. Tudo o que é ingerido deve primeiro ser morto. Não existe vida naquilo que temos no estômago e no intestino. No entanto,

o sistema linfático absorve os produtos naturais mortos, mandando-os reavivados para o sangue. A digestão é um processo extraordinariamente complexo. Não existe sabedoria humana capaz de reproduzir a sabedoria das glândulas linfáticas, que dividem tão harmoniosamente o trabalho entre si. Entre o nosso intestino e nossos vasos sanguíneos atua uma quantidade de inteligência incomparável.

Steiner utiliza muitas imagens ao refletir sobre o processo econômico. Ele traz a imagem do sistema linfático para ilustrar o que pensa: somente quando uma razão independente se fizer valer no processo econômico, é que este poderá ter uma constituição sadia. Isto deverá ser conseguido através da associação de pessoas que compreendam o processo econômico através de imagens. E o fato de se unirem em associação faz com que se completem e se corrijam mutuamente, estimulando uma boa circulação do processo econômico.

É um raciocínio diferente do usual: assim, o senso de comunidade não será conseqüência de uma doutrinação moral, e, sim, do reconhecimento das exigências do processo econômico. A Associação Comunitária Monte Azul consegue estimular a reciprocidade entre seres humanos, o juízo econômico do organismo tem a lógica antroposófica.

A proposta de Steiner é a trimembração do organismo social, com um olhar preñado de respeito ao ser humano. A Monte Azul coloca em prática o paradigma proposto pela Antroposofia. O movimento da prática não deixa a teoria degenerar-se. (MORIN, 1998:335)

Assim, a proposta de analisar o trabalho da Monte Azul na perspectiva idealizada por Steiner, reconhece a importância dos questionamentos emersos da crise paradigmática. E, citando o próprio Steiner (1986:151) acreditamos que *o espírito somente existirá se houver instituições onde se elabore uma concepção espiritual e onde não se debata apenas a natureza externa, trabalhando-se apenas no sentido do materialismo.*

CAPÍTULO II

ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA MONTE AZUL

Instituições externas saudáveis são testemunhos de pensamentos salutareis, e instituições externas não-saudáveis são testemunhos de pensamentos doentios.
(STEINER)

História

A Associação Comunitária Monte Azul foi fundada em 25 de janeiro de 1979, pela professora alemã Ute Craemer, moradora da Vila das Belezas, bairro próximo da Favela Monte Azul, motivada pelas constantes visitas de crianças da favela, à sua casa.

A motivação para o trabalho na favela Monte Azul não partiu só de minha vontade de ajudar as crianças da favela, mas em grande parte dos meus alunos da Escola Rudolf Steiner, crianças de famílias ricas. Os meus alunos, eu senti, precisavam se integrar mais na realidade do Brasil, naquela realidade de pessoas das quais eu gostava bastante, mas que eles, muitas vezes, encaravam com suspeita e desconfiança. Também achava que os meus alunos deveriam contribuir com algo e desenvolver

as suas próprias capacidades sociais. Não parei de pensar sobre isso". (CRAEMER,1989:5)

O aumento do número de crianças e a constância da procura por atenção, inspirou Ute Craemer a convidar seus alunos da Escola Waldorf, para brincar e fazer trabalhos manuais com as crianças da favela. Essa atitude humanitária dos alunos e as realidades tão diversas, contribuíram para a organização dessa convivência. Um grupo de amigos também ajudava no desenvolvimento das atividades com as crianças e outras pessoas ajudavam com doações. O quintal da casa de Ute ficou pequeno; surgiu daí a idéia de construir uma escolinha.

Conseguiram junto à Prefeitura o direito de uso de um terreno próximo à favela para a construção do espaço de convivência. O dinheiro para o material de construção e mão-de-obra foi doado por uma criança alemã, chamada Johannes. Ela recebeu indenização de uma fábrica alemã de produtos químicos, após sua saúde ser gravemente lesada, por manusear sucata dos produtos da empresa, e resolveu destinar esse dinheiro para ajudar animais em extinção e crianças pobres. Johannes não sobreviveu devido ao contágio ocasionado pelos resíduos tóxicos.

Com a construção da escolinha, houve uma aproximação maior das famílias e a precariedade das condições de vida emergiu. A falta de saúde das crianças - como a desnutrição, a verminose, o nariz sempre escorrendo, as feridas pelo corpo - prejudicava o rendimento escolar. Em conversas com as mães foi decidida a construção de um barraco para o atendimento médico da Monte Azul.

Outros fatores, como a repetência e a evasão escolares, o crescente aumento da violência traduzido, também, pela crescente marginalização de jovens, colaboraram para o surgimento da primeira oficina profissionalizante de marcenaria, em 1979. A oficina funcionava à noite, inicialmente, à luz de velas, no mesmo barraco da escolinha.

Como a maioria das mães trabalhava fora, e não havia creches disponíveis para deixar os filhos, eles ficavam soltos pelas ruas, nos faróis a mendigar ou trancados nos barracos, aos cuidados dos irmãos maiores. A partir dessa constatação, ficou clara a necessidade de se criar uma creche. Então, em 1980, dois barracos foram transformados em "crechinhas".

Foi introduzido um plantão social: a transformação de barracos de madeira em barracos de alvenaria, através de um fundo de empréstimo, e, também da melhoria da renda familiar propiciada pela participação da mulher, que já podia deixar os filhos na creche para trabalhar; a reconstrução de barracos danificados por incêndio ou desmoronamento; frentes de trabalho para construção de pinguelas sobre o córrego, escadas e cimentação das vielas; ajuda financeira em casos de doença e desemprego e luz e água potável nos barracos foram alguns serviços prestados para a melhoria da qualidade de vida na favela.

Esse tipo de prática assistencialista fez com que os moradores se acomodassem em sua responsabilidade na resolução dos problemas da favela, pois tudo era resolvido pelo plantão. Optou-se,

então, pelo fortalecimento da comissão dos moradores. O plantão social foi extinto.

Em 1983, foi comprada uma chácara no bairro Horizonte Azul, destinada a excursões e grupos de estudo. Neste mesmo ano, o trabalho realizado pela Monte Azul abrangeu a favela Peinha. Dessa forma, a entidade expandiu o trabalho para três núcleos distintos: Monte Azul, Peinha e Horizonte Azul.

A Monte Azul parte da concepção antroposófica de que toda a instituição é um organismo vivo, portanto, como o ser humano é concebida; nasce e cresce, em função de ideais e idéias, tais como: promoção humana, melhoria da qualidade de vida no planeta etc. Expande suas relações, casa-se com outras entidades afins; cria filhos à medida em que diversifica suas áreas de atuação - saúde, educação, profissionalização... Estabiliza-se organizando o trabalho administrativamente. Passa por crises, tanto financeiras como pessoais. Troca experiência com outras entidades. E, finalmente, dissolve-se ou transforma-se conforme as necessidades do momento histórico. A Monte Azul sistematiza o seu processo, nas seguintes fases:²³

a) Embrião (1975 a 1978)

Considerada a fase de "gestação" do trabalho, as crianças batem à porta da professora Ute Craemer, perguntando: "*Tem alguma*

"coisa para dar?". Essa pergunta desperta na professora um questionamento interno, intenso. Ela começa a refletir com os seus alunos da Escola Waldorf, sobre a questão social no Brasil e no mundo. Ganha o apoio de alunos e amigos. Inicia, então, em sua casa tardes recreativas, onde cerca de 70 crianças brincam, desenham, escutam histórias, apresentam peças de teatro, fazem passeios etc.

b) Pioneira (1979 a 1981/2)

Em janeiro de 1979, inicia, de modo sistemático, o trabalho social da Monte Azul. Cento e dez crianças fazem matrícula. São formados grupos de crianças em idade escolar, dois jardins-de-infância, um grupo de trabalhos manuais e um curso noturno de marcenaria. É construído um barraco para funcionar o ambulatório de saúde. No ano seguinte, é criada a primeira "crechinha". Em 1981, é construído um forno caipira, o começo da padaria.

O escritório da Monte Azul é a sala da casa da professora Ute. As reivindicações à SABESP e à LIGHT obtêm sucesso. Início das reuniões gerais, às quintas-feiras. E, em 1982, como o trabalho já reunia muitos colaboradores, foi introduzida outra reunião semanal, chamada de metas.

²³ Manual de experiência no Trabalho da Associação Comunitária Monte Azul. *Os Passos de uma Entidade Social*. 1999. P. 24 a 27.

Desde 1979, Renate Ignácio, trabalha na formação das mães-crecheiras, acompanhando o dia-a-dia; a teoria é ensinada através de um curso.

Durante essa fase são firmados convênios, com a Amencar²⁴ e com a Prefeitura Municipal de São Paulo. O salário da professora do "jardim de infância" é pago pela Igreja Católica alemã, durante um ano. Palestras feitas na Alemanha, conquistam doações e padrinhos para expansão do trabalho.

c) Organizacional (1982-1988/89)

A organização interna da entidade prima pelas reuniões setoriais, ou seja, as áreas de creche, centro de juventude e ambulatório; tomam decisões com autonomia.

São ministrados cursos específicos para os colaboradores da área pedagógica; para os colaboradores do ambulatório, cursos de conhecimentos gerais e medicina antroposófica.

A reunião geral de todos os colaboradores cresce em consciência. Cria-se uma comissão para a organização da reunião geral. O desafio posto era o de que cada colaborador conseguisse enxergar a entidade como um todo, mas não perdesse a eficiência ao tomar as decisões setoriais.

²⁴ Amparo ao Menor Carente. ONG, com sede principal no Rio Grande do Sul.

São criadas várias comissões para agilizar as decisões e a atuação: comissão de festas, comissão editorial, comissão salarial etc.

Período sem crise financeira. A Prefeitura ampliou o convênio; a Associação Beneficente Tobias, clínica antroposófica, localizada no bairro de Santo Amaro - capital, contribuiu no serviço de saúde; o SENAI²⁵, investiu na oficina de marcenaria, apenas com apoio técnico, não financeiro.

A edição de dois livros, em alemão, sobre o trabalho desenvolvido nas favelas paulistas, conquistou simpatizantes naquele país. Isso foi revertido em doações e voluntários para a concretização do trabalho.

Esse movimento provocado pela Monte Azul uniu os moradores em festas, mutirões, dias comunitários etc. Cresceu o profissionalismo e a organização interna da entidade (regulamento interno, regras de atuação, responsabilidades divididas etc). Foi elaborado o planejamento anual, com avaliação das áreas. Estabelecido intenso intercâmbio com outras entidades.

d) Diversificação e Intercâmbio Maior (1989 a 1992/3)

²⁵ Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, ligado ao empresariado.

Houve aperfeiçoamento e diversificação da área pedagógica, o mini-grupo para crianças de 18 a 36 meses e um trabalho de acompanhamento higiênico e terapêutico, foram implantados. A edição dos livros *O dia-a-dia da criança na creche* e *O dia-a-dia da alfabetização*, divulgam o trabalho da entidade atraindo estagiários e muitos convites para ministrar cursos, em vários estados do Brasil.

O Centro Cultural intensifica suas atividades com a criação de dois grupos de teatro, coral infantil e de adultos, dança, edição de livros, intercâmbio com outros centros culturais e realização de mostras de teatro.

O ambulatório cresce em profissionalismo, é criado na Peinha um mini-posto de saúde. É iniciado o trabalho terapêutico com as pessoas portadoras de necessidades especiais (PPD).

As oficinas de marcenaria e de tecelagem ganham qualidade em suas produções. Início da oficina de reciclagem de papel, na favela Monte Azul, já resultado do trabalho da coleta de lixo reciclado.

Aumento de visitas à favela; reportagens nacionais e internacionais; participações em congressos (Pedagogia e Medicina Antroposóficas) e Festivais de Teatro Popular, na América Latina.

Em Horizonte Azul são criadas creche, jardim de infância, pré-escola, centro de juventude e oficina de bonecas. Onze anos após a

idação da Monte Azul, começa a crise financeira. A idéia inicial cresce e expandindo seus horizontes, precisa de novos parceiros para se manter economicamente.

Descentralização e Conscientização das Metas (1993 em diante)

Ocorre a descentralização dos núcleos: Monte Azul, Peinha e Horizonte Azul conquistam autonomia para a agilização do processo decisório. As reuniões gerais são separadas por núcleo. Uma vez por mês acontece o Dia de Integração. Nesse dia, juntam-se os três núcleos, para discutir sobre o trabalho comunitário²⁶, na concepção de Rudolf Steiner. A preocupação dos dirigentes é não fugir à idéia geradora da Monte Azul: *ajudar pessoas empobrecidas a descobrir seu potencial humano, como forma de superação dos obstáculos impostos pela sociedade (discriminação, falta de moradia, de escola etc) e pela deficiência (deficiências físicas, mentais etc)*.²⁷ (CRAEMER, 1999:45)

É princípio da instituição trabalhar com a comunidade visando a autogestão de seus interesses, orientada pela concepção de que o homem deve ser mais que mero sobrevivente, deve ser pleno e consciente, capaz de refletir e transformar sabiamente sua realidade,

O conceito de Ute Craemer sobre comunidade é trimembrado: *Lógico, em primeiro lugar a Associação se dirige à população da favela educando e formando, promovendo saúde, incentivando cultura. Mas não se restringe a isto, comunidade para nós abrange mais: em volta da favela situam-se bairros, uns carentes outros mais abastados, da classe média: os estados do Brasil, os países da Terra.* (CRAEMER, 1999:86)

Manual de Experiência no Trabalho da Monte Azul. *Os Passos de uma Entidade.*

tanto no plano individual quanto coletivo, comunitário.²⁸ Essa perspectiva de atenção encontra-se na filosofia social de Steiner. Para ele o homem deve ser considerado em sua constituição física, anímica e espiritual.

Missão professada pela entidade

- *Promover o amor ao ser humano independentemente de nacionalidade, raça, religião, posição política e condições social e física.*
- *Proporcionar oportunidades através de educação, cultura e saúde, principalmente, às pessoas empobrecidas, de se desenvolverem material, social e espiritualmente, capacitando-as para agirem conscientemente e com amor.*²⁹

Organização Interna

*O termo "organização" tem a ver com "órgão" e "orgânico", palavras que por sua vez significam: interligação entre coisas vivas para um todo harmonioso, saudável.*³⁰

Para a Monte Azul, a organização interna é alicerce fundamental para a sustentação do trabalho realizado nas favelas. Muito tempo é investido na realização das reuniões internas, semanais em cada

²⁸ Consta de documento interno da Monte Azul

²⁹ Associação Comunitária Monte Azul. Planejamento Estratégico 1998/2001, p. 9

núcleo, reunião geral e reunião mensal de integração com os três núcleos.

A organização, segundo a Monte Azul acontece no dia-a-dia, a partir dos colaboradores de cada área. É tarefa de cada um zelar pela organização do trabalho realizado, fazendo a ligação com a meta comum. É um processo de criação infinito, dar forma adequada ao conteúdo.

Na Monte Azul foram criadas certas regras para facilitar o bom desempenho de cada área, prevendo a sua dinâmica com as outras áreas e com o mundo externo. São regras que mudam conforme a necessidade da organização, entretanto, devem ser respeitadas por todos enquanto estiverem em vigor.

A trimembração³¹ proposta por Rudolf Steiner é praticada pela entidade; quando se trata de cumprir os regulamentos, seguem o princípio da igualdade. As regras funcionam para todos os colaboradores, independente da posição ocupada na hierarquia organizacional.

A Monte Azul possibilita o desenvolvimento do potencial interior de cada colaborador, o auto-conhecimento e a auto-educação, investindo nos grupos de estudo, reuniões, eventos culturais, bolsas de estudo etc. Aqui, a coerência com a concepção de Steiner é respeitar o princípio da liberdade na vida cultural e espiritual.

³⁰ Idem. p. 12

Durante as avaliações periódicas todos os colaboradores são ouvidos com atenção, para perceber, não só através das palavras, mas, também das atitudes de cada um, se o desempenho da entidade corresponde às necessidades da comunidade. Pois, o objetivo no que se refere a satisfazer as necessidades de outros é a fraternidade.

Visando a manutenção desse organismo vivo, a Monte Azul procura se organizar internamente atenta aos processos do tempo, demonstrando coragem ao executar as mudanças necessárias à eficiente performance do trabalho.

A entidade funciona com a participação de todos os colaboradores, desde o pensar juntos até a divisão de responsabilidades e tarefas cotidianas. A estrutura interna é assim composta:³²

a) Grupos de Metas

- Grupos de metas dos três núcleos (Monte Azul, Peinha, Horizonte Azul)

Eles são responsáveis pela direção dos núcleos. Para participar desse grupo é necessário: pelo menos 2 anos de trabalho na Associação; fazer bem o seu próprio trabalho e ter visão do todo; saber manter sigilo; ter coragem para sustentar o que foi decidido nas reuniões, mesmo sendo tema antipático; ter abertura para a Antroposofia; participar da Escola Oficina Social.

³¹ Explicação sobre trimembração encontra-se no capítulo II p.33.

- Grupo de metas ampliado

É chamado de grupo de metas ampliado, pois é composto pelos grupos de metas dos núcleos e pelos integrantes do grupo de metas da Associação. Tem caráter decisório, seus integrantes ouvem as opiniões de todos os colaboradores, nas reuniões das áreas.

- Grupo de metas da Associação

Composto por pessoas com muitos anos de trabalho na entidade e que têm compromisso maior em relação ao desenvolvimento e manutenção da Monte Azul. Sua responsabilidade é a de não deixar que as metas, fundamentadas em proporcionar o crescimento e desenvolvimento do ser humano - para que este modifique sua atuação no organismo social - se percam na intensa dinâmica do trabalho. Esse grupo tem função coordenadora e caráter decisório.

Segundo Ute Craemer, esse sistema de gestão organizacional foi desenvolvido no decorrer do tempo, conforme as necessidades de expansão da entidade. *Mas tem uma coisa por detrás disso - a idéia de que cada um tem, dentro de si, uma força a partir da qual consegue desenvolver suas habilidades e transformá-las em capacidade de assumir cada vez mais responsabilidades, inclusive as pessoas sem estudo formal. Esta fé de que dentro do ser humano existe um força criadora capaz de elevar-se acima da rotina, dos costumes e de se*

³² Associação Comunitária Monte Azul. Planejamento Estratégico 1998/2001

*"arrancar pelos próprios cabelos para fora do abismo", como diz um provérbio alemão, existe aqui e apostamos nela. Precisamos de muitas decepções para desistirmos dela.*³³

b) Reuniões

- Reuniões específicas das áreas (educação, saúde, cultura etc), cuja frequência é semanal.
- Reunião geral acontece três vezes por mês, dela participam todos os colaboradores e voluntários de cada núcleo. São discutidos os problemas da Monte Azul e da comunidade e, também, temas de interesse geral como economia, ecologia, cultura e outros
- Reunião de integração, uma vez por mês, junta todos os colaboradores, com o objetivo de proporcionar um dia de trabalho diferente, o almoço é comunitário e as criações artística e lúdica se tornam o elo de ligação entre os componentes de cada grupo, formados por pessoas que não estão juntas diariamente.

Para dar corpo às atividades na concepção da pedagogia social, a organização interna dos colaboradores da Monte Azul ocupa lugar de destaque no projeto pedagógico, no sentido de se sentirem integrados e, ao mesmo tempo, conscientes de que seus interesses estão sendo plenamente realizados. Assim, o diálogo, a troca de experiência e o contato permanente com os grupos de colaboradores é rotina. Nesses momentos, todos os colaboradores e voluntários participam na discussão

³³ Os Passos de um Entidade Social, p. 9

dos seus problemas mais localizados e imediatos, como também, de temas de interesse mais geral que auxiliam na compreensão da realidade em seu sentido macro (economia, política, ecologia, cultura).

c) Comissões

- de empréstimo, de ajuda de aluguel.
- de fundo de saúde.
- de organização de festas e eventos culturais nos três núcleos.
- de organização da reunião geral, nos três núcleos.
- de integração e intercâmbio.
- de voluntários e estagiários.
- de mídia.
- dos moradores.
- da elaboração da Escola Oficina Social.
- de bolsas de estudo.

As comissões são formadas por pessoas de áreas diferentes, e renovadas periodicamente. O objetivo é desenvolver a iniciativa para decisões e a responsabilidade pelas decisões tomadas, estimulando, também, a visão do trabalho como um todo, na prática. As comissões ajudam a organizar e dinamizar internamente a entidade.

Se visualizarmos a ação pedagógica como um todo, vamos observar que os aspectos - educação, saúde, cultura - são destaques nas atividades desenvolvidas pela Monte Azul. Visando melhorar a qualidade

de vida dos moradores, a entidade cresceu transformando-se numa organização não-governamental complexa em sua oferta de serviços, e, que há 21 anos vem, num trabalho conjunto com os moradores, prestando: assistência jurídica, médica, educacional, intercâmbio cultural, participação sócio-comunitária em seminários, encontros, congressos, além da capacitação permanente dos seus colaboradores.

Toda essa estrutura administrativa é entendida e cuidada como um organismo vivo. A delicadeza do olhar antropológico, o respeito ao ser humano, o investimento na capacitação dos moradores/colaboradores, é traduzida pela organização interna da entidade e a saudável performance dos serviços prestados.

Uma estrutura como a Monte Azul é um exemplo eficaz e eficiente de serviços prestados à população empobrecida. Desperta o interesse de voluntários, de pessoas com vontade de desenvolver trabalhos sociais em outros locais. A intensidade da busca por consultoria, por cursos de formação, por estágios concretizou a Escola Oficina Social. Uma escola criativa, com currículo aberto, estudo e aprendizagem permanentes.

A Monte Azul prima pela sua capacidade de organizar programas que garantam a formação e a capacitação de educandos e educadores, suprimindo a insuficiência, e, muitas vezes, a ausência de políticas públicas imprescindíveis ao desenvolvimento sócio-econômico-cultural do país.

A Escola Oficina Social é uma alternativa de profissionalização aos interessados em trabalhar com populações empobrecidas, principalmente pessoas advindas do chamado terceiro setor, em pleno crescimento no Brasil. É uma meta da Monte Azul desenvolver ainda mais seus conhecimentos e capacidades para o enfrentamento da questão social nos próximos séculos, no planeta.

A proposta da Escola Oficina Social é trabalhar o desenvolvimento das capacidades humanas imprescindíveis ao desempenho eficiente de agentes sociais. Para realização deste objetivo baseia-se em sua própria experiência: 21 anos de trabalho, permeados de avaliações grupais e diagnósticos internos.

Dentre os objetivos da Escola Oficina Social estão:

- Formar educadores segundo os princípios da pedagogia social - Antroposofia - com proposta curricular para 4 anos.
- Formar multiplicadores pedagógicos sociais.
- Favorecer o estágio, entendido como fator relevante da formação profissional, aproximando o estudante e também a universidade da realidade social.
- Possibilitar e incentivar o estudo formal.
- Desenvolver curriculums diversificados para as áreas de trabalho: comunitário, cultural, pedagógico, saúde, administrativo e voluntariado.

A Escola Oficina Social é destinada aos colaboradores e aos jovens das oficinas profissionalizantes da Monte Azul, a estudantes universitários, a educadores, a agentes comunitários de diversas entidades, a profissionais de formação diversas e a voluntários de outros países.

No Brasil, dentre os trabalhos executados por ONG's existem apenas 2% voltados para o desenvolvimento comunitário e 7% voltados para a educação³⁴. A expectativa é que a Escola Oficina Social traga o impacto necessário para aumentar, tanto quantitativamente quanto qualitativamente, a realização de trabalhos nessa área, através da profissionalização de agentes sociais.

A Monte Azul desenvolveu com a sua prática um método eficiente de desenvolvimento comunitário, propondo um novo paradigma desmistificador da filantropia-assistência. Refletindo sobre maneiras de ajudar os moradores de uma favela, foi traçando uma complexa rede de prestação de serviços, fundamentais para a capacitação e melhoria da qualidade de vida daquelas pessoas.

Hoje, se propõe a formar agentes sociais para o enfrentamento da crise social, utiliza a filosofia social antroposófica: despertando o potencial humano para níveis mais elevados de consciência, melhorando as relações individual, familiar e comunitária.

³⁴ Estatística publicada pela revista Veja 16/04/97

Serviços e Produtos

a) Educação

A Monte Azul é um organismo vivo, constituído de muitos colaboradores, com método antroposófico³⁵ de trabalho e vasta prestação de serviços sociais.

Para a Monte Azul, educar crianças não é apenas transmitir informações mas participar de sua formação integral e incentivar jovens e adultos a tomar seus destinos nas mãos e dessa maneira transformar a realidade em que vivem.

A educação do ser humano é fundamental para o desenvolvimento do potencial interior de cada um, e, conseqüentemente, para a melhoria da qualidade de vida no planeta Terra. O desempenho educativo da entidade pode ser mensurado por estatísticas relativas à redução da violência na Favela Monte Azul, por exemplo. A união dos moradores em torno de um objetivo comum, que é a melhoria das condições de vida nas favelas é um dos fatores de sustentação da Associação Comunitária Monte Azul. Cabe ressaltar que o aspecto educativo, desde a construção da escolinha, justifica a idéia da existência da entidade.

³⁵ A Antroposofia para mim é um método de trabalho. (CRAEMER, 1999:9)

Em qualquer idade o ser humano necessita de atenção e carinho. A Monte Azul acredita ser imprescindível o cultivo de valores individuais que revertam em atitudes saudáveis no convívio social:

- *Respeitar o ser humano.*
- *Ser verdadeiro.*
- *Respeitar a individualidade e acreditar no potencial transformador de si próprio e do outro.*
- *Ser igualmente livre como responsável e solidário no contexto social e ecológico.*
- *Ter abertura às contribuições de qualquer pessoa independentemente de padrões hierárquicos.*
- *Ter esperança e confiar no desenvolvimento da humanidade.*³⁶

Os serviços prestados pela área de educação infantil e juvenil da Monte Azul, abrangem:

- Berçário - crianças de 4 a 18 meses.
- Mini-grupo - crianças de 18 meses a três anos.
- Creche - crianças de três a seis anos.

A Pedagogia Waldorf enfatiza a importância do ritmo cotidiano, das canções de ninar e brincadeiras, para proporcionar um ambiente seguro e acolhedor às crianças. *É nesta idade que se desenvolve o instrumento físico do aprendizado escolar - o cérebro.*

³⁶ Associação Comunitária Monte Azul. Planejamento Estratégico 1998/2001. P. 9

*Portanto, alimentação integral , carinho, estímulo artístico adequado a cada fase de desenvolvimento, cultivo da linguagem são o alicerce de uma vida intelectual e ética promissora.*³⁷

- Jardim-de-infância - crianças de 4 a 6 anos.
- Pré-primário - crianças de 6 a 7 anos.

No Jardim de Infância o trabalho pedagógico é similar ao das creches. Os grupos funcionam meio período e são destinados às crianças cujas mães não trabalham fora.

Na pré-escola é feita uma preparação para o ingresso na escola pública. As primeiras letras são introduzidas através do desenho de formas e imagens vivas. As crianças aprendem à contar e fazer pequenos exercícios matemáticos com objetos concretos.

- Centro de Juventude - crianças e jovens de 7 a 14 anos.

Oferecem atividades complementares às existentes nas escolas públicas: jogos educativos e recreativos, teatro, pintura, modelagem, trabalhos manuais, música, excursões, reforço escolar etc.

O objetivo é oferecer às crianças e jovens um espaço facilitador para o desenvolvimento do senso moral e estético, da criatividade e do sentimento de solidariedade pelos seres humanos que

³⁷ Documento interno da entidade.

habitam o planeta terra... a esperança de que vale a pena investir para a melhoria do mundo. Neste sentido, trabalha-se no resgate do ambiente e da cultura brasileira, com temas: a raça negra, o índio, o meio ambiente, a favela etc.

- Atendimento Terapêutico

Para crianças, à partir dos 7 anos, com dificuldade de aprendizagem e socialização, por serem agressivas ou inquietas demais, ou demandarem cuidados especiais.

- Bibliotecas

Acessível para pesquisas e para reforço escolar, com pessoa apta a atender, orientar e assistir os alunos. O serviço é disponível aos moradores da favela e do bairro, de modo geral, e aos professores das escolas públicas próximas. Nos três núcleos as bibliotecas congregam grande número de crianças e jovens.

- Escola especial para portadores de deficiências (dos 6 aos 21 anos)

Atende deficientes leves e moderados, oferecendo reabilitação social e pré-profissionalização. Estimula o desenvolvimento cognitivo, emocional e da força de vontade através da realização de

atividades lúdicas, artísticas, terapêuticas, esportivas e de convivência diária do grupo.

- Oficinas profissionalizantes: marcenaria, reciclagem de papel, reciclagem de móveis, tecelagem, padaria, bonecas, elétrica, informática.
- Escola Oficina Social

Forma agentes sociais, através do método antroposófico para o trabalho social.

- Excursões ecoculturais

Através de passeios ecológicos e culturais, trabalha-se a integração e a responsabilidade para com o meio ambiente.

- Cursos avulsos (marketing, fotografia).

b) Saúde

Os serviços de saúde são prestados em dois ambulatórios, Peinha e Monte Azul, porém, a procura pelo atendimento não é restrita a esses dois bairros.

O atendimento é feito entendendo a doença como parte da biografia individual, a doença funciona como um caminho para a evolução espiritual. A consulta médica é minuciosa e individualizada, respeitando a base da medicina antroposófica. Os cuidados com a prevenção da saúde envolvem a educação e a cultura. As gestantes têm acompanhamento durante a gravidez, o parto e o pós-parto. As campanhas de prevenção abordam temas como planejamento familiar, cuidados com a Aids etc. O serviço de enfermagem ensina aos moradores, maneiras simples e baratas de cuidar da saúde. Com relação ao saneamento básico os próprios moradores se encarregam dos mutirões de limpeza, melhorias sanitárias, muros de arrimo etc. A horta, no Horizonte Azul, produz, sem agrotóxicos, verduras e legumes, consumidas pelas crianças atendidas nas diversas atividades da entidade.

O serviço de saúde desenvolve as seguintes atividades:

1) Campanhas de educação em saúde

- Exames laboratoriais
- Higiene corporal e bucal
- Planejamento familiar e parto natural
- Pré-natal e pós-natal
- Saneamento básico
- Alimentação
- Educação, cultura, esporte e lazer

2) atendimentos

Consultas médicas

- Pediatria
- Clínica Geral e Psiquiatria
- Ginecologia
- Odontologia

3) Terapias

- Massagem rítmica
- Psicologia
- Fonoaudiologia
- Biográfico³⁸
- Quirofonética³⁹
- Terapia artística
- Acupuntura
- Banhos nutritivos

4) Enfermagem

- Pré-consultas (clínica, pediatria e ginecologista)
- Enfermaria (curativos, inalações, teste de gravidez, exame de sangue e outros)

³⁸ Trata-se de uma reconstituição da vida, desde antes do nascimento até o momento presente, através da utilização de técnicas específicas da Antroposofia, com duração de 3 a 7 dias.

³⁹ Criada e desenvolvida na Áustria, no início da década de 70, pelo Dr. Alfred Baur, fonoaudiólogo, para tratar problemas da fala. Fundamenta-se nos pensamentos básicos da Antroposofia.

d) Cultura

O Centro Cultural Monte Azul foi criado em 1991, com a peça CAUSA MENOR, trazendo a problemática das crianças moradoras da rua. O espaço físico veio consagrar a vontade dos colaboradores de incrementar a vida cultural na favela. Hoje existem muitos grupos formados:⁴⁰

Teatro

Sete grupos distintos e atuantes.

Dança

Grupo sob a direção de Cido Cândido, desde 1997.

Música

- Coral de adultos sob a direção de Renate K. Ignácio, desde 1991), com apresentações de música folclórica e erudita.
- Coral infantil sob a direção de Renate, desde 1991.
- Orquestra pequena sob a direção de Renate, desde 1995
- Aulas de flauta
- Aulas de violino.

Arte do Povo

- Capoeira.
- Bumba meu boi

⁴⁰ *Os passos de uma entidade social*, 1999:54

- Quadrilha, músicas juninas e outras - Conjunto Estrela Azul.
- Folia de reis
- Confeção de esculturas de argila e de madeira.
- Incentivo à poesia.

Edição de livros

- *Favelakinder e Favela Monte Azul*, editados em alemão.
- *Crianças entre luz e sombras*. Ute Craemer
- *Criança Querida: O dia-a-dia das creches e jardim-de-infância*.

Renate Keller Ignácio.

- *Criança Querida: O dia-a-dia da alfabetização*. Leonore Bertalot.
- *Músicas Joaninas e Juninas*.
- *Bolhinha de sabão*.

E, vários outros temas, editados em apostilas.

Mostras

- Mostras de Teatro, desde 1991.
- Mostras de Arte, desde 1996.
- Mostra de Danças, desde 1998.
- Oficinas de figurinos, maquiagem, textos para educadores etc.

Exposições

- Fotografia
- Pintura
- Escultura.

Seminários, cursos e palestras.

Como vimos, a Cultura ocupa espaço privilegiado no projeto pedagógico da instituição, pois, visa a integração dos moradores da favela com o restante dos moradores do bairro, e, ainda, possibilita o intercâmbio entre várias entidades sociais, escolas, grupos de cultura popular etc. A vida cultural faz a comunidade ficar viva, menos materialista e estagnada. As comissões culturais existentes nos três núcleos estimulam a formação cultural.

No Centro Cultural Monte Azul os moradores montam os seus próprios espetáculos e assistem peças de teatro, recitais etc, de grandes artistas brasileiros. Essas atividades integram os moradores e possibilita o intercâmbio com outros grupos.

Em 1999, o Centro Cultural Monte Azul⁴¹ teve um público de 11.800 (onze mil e oitocentas) pessoas assistindo a espetáculos variados. A programação cultural contou com a presença de grandes nomes da música popular brasileira, música erudita, teatro, dança, exposição de fotografias, capoeira, saraus etc. A concentração dos eventos, em função das instalações físicas, é na favela Monte Azul.

Além da programação feita com artistas convidados, o Centro Cultural ampliou as suas atividades com apresentações teatrais e musicais, de grupos internos. Incrementou os cursos de teatro, aulas de

⁴¹ Relatório Anual Centro Cultural Monte Azul. 1999

violão, violino, flauta, fotografia, capoeira, coral infantil. Esse trabalho é muito procurado pelos jovens.

Foram realizadas Mostras de Teatro, Dança e Artes, com apresentações de grupos dos três núcleos e grupos convidados. A produção dos eventos mobilizou dezenas de jovens das favelas, encarregados de receber os grupos visitantes, montar cenários, fazer divulgação etc. O grupo de Capoeira Monte Azul contou a história da capoeira e do maculelê.

O conjunto de Música de Câmara Monte Azul marcou presença na comemoração dos vinte anos da entidade.

Em 1999, as produções realizadas por grupos da Monte Azul, foram:

- Grupo de teatro Monte Azul
Integrado por 16 pessoas, dirigido por Cido Cândido.
Montagem: O BECO
- Grupo de Teatro Monte Azul
Integrado por 07 pessoas, dirigido por Reinaldo Maia.
Montagem: ERA UMA VEZ ...
- Grupo de Teatro Horizonte Azul
Integrado por 14 pessoas, dirigido por Marcelo Gomes.

Montagem: M

- Grupo Estrela Azul
Folia de Reis, 30 integrantes.
- Grupo de Teatro Bailamontes
Integrado por 10 pessoas, dirigido por Cido Cândido.
Montagem: TRAÇOS
- Grupo Infantil de Dança Monte Azul
Integrado por 25 crianças, dirigido por Cido Cândido.
- Coral Monte Azul
Integrado por 30 crianças, dirigido por Renate K. Ignácio
- Coral Infantil Horizonte Azul
Integrado por 25 pessoas, dirigido por Renate K. Ignácio.
- Grupo de Capoeira
Dirigido por Edvaldo Quirino, 30 pessoas.
- Oficina de Teatro Marcenaria Horizonte Azul
Integrado por 20 jovens.
- Oficina de Teatro Paisagismo Horizonte Azul
Integrado por 07 jovens.

- Grupo de Capoeira Horizonte Azul
Integrado por 40 jovens.

e) Social

Além dos serviços oferecidos pela Monte Azul, o aspecto social é organizado pela comissão de moradores, que investe na melhoria da urbanização das favelas. Também foi fomentada Escola de Oficina Social para repassar o método de trabalho social diferenciado, para aquelas pessoas que procuram a entidade para estágios, cursos pedagógicos e profissionalizantes, intercâmbio, assessoria e consultoria. Os serviços na área social, estão assim distribuídos:

Favelas: Melhoria das condições de vida, através da discussão dos problemas da comunidade. Também é proporcionada orientação em questões legais diversas e ajuda aos moradores em geral. As ações realizadas, são:

- Urbanização
- Comissão de moradores
- Mutirões
- Visitas às famílias

Entre colaboradores: são executadas dinâmicas de grupo para facilitar o trabalho eficiente e harmonioso:

- Dinâmicas de confraternização

- Troca de áreas

Intercâmbio: trabalha-se no sentido de proporcionar o contato dos moradores da favela com pessoas de outras cidades, estados e países diferentes, visando a troca de experiência e a ampliação da visão de mundo.

- Participação em movimentos sociais
- Intercâmbio: estagiários, voluntários, recepção de visitas etc
- Consultoria para outras entidades
- Palestras, congressos etc.

f) Geração de renda

A geração de renda resulta da produção das oficinas de marcenaria, reciclagem de móveis, reciclagem de papel, bonecas, tecelagem e padaria. E também do brechó, onde os moradores compram roupas, sapatos e outros adornos baratos, frutos de doações recebidas pela entidade.

As oficinas profissionalizantes possibilitam a aprendizagem e um pequeno ganho para o aprendiz, além de gerar renda para o trabalho social.

As receitas, embora pequenas, vêm do/a:

- Bazar de roupas
- Venda dos produtos

- Aluguel de imóveis
- Venda de livros
- Horta
- Bilheteria do Centro Cultural
- Serviços de ambulatório
- Palestras e Workshops

Observamos, após vinte e um anos de sua criação, a Associação Comunitária Monte Azul como uma complexa administração de programas de saúde, urbanização, cultura e educação. São 200 colaboradores para dar conta do desenvolvimento de sua proposta de trabalho. Oitenta por cento (80%) deles são moradores da própria favela, os demais de outras partes do Brasil e também do exterior.

Estrutura Administrativa

- Diretoria da entidade
- Coordenadores das áreas
- Departamento pessoal, caixa, documentos
- Finanças
- Captação de recursos
- Conselho administrativo

A estrutura administrativa da Monte Azul está baseada no trabalho das comissões autogestoras, formadas pelos colaboradores de cada área de atividades, isto é, creches, centros de juventude,

ambulatório, oficinas de profissionalização etc. A articulação dessas comissões é concretizada no Grupo de Metas, formado pelos integrantes das diversas comissões. Dessa forma, quem dirige a Monte Azul é o grupo de metas, com representatividade interna e externa. A diretoria é pura formalidade.

A Monte Azul conta, para a sua sobrevivência, com um crescente grupo de amigos e o apoio de entidades públicas e de organizações não-governamentais. E, também com a dedicação, vontade e união de seus colaboradores.

Locais de Atuação

Núcleo I

Rua Vitalina Grassman, 290

Fones: 5851-5370/ 5851-0006

Telefax: 5851-1089

e-mail: ascmazul@amcham.com.br

- Favela Monte Azul, localizada na zona sul da cidade de São Paulo, bairro de Campo Limpo. A favela tem 480 barracos, sendo que 85% deles são de alvenaria, construídos no processo de auto-construção, e o restante de madeira. Grande parte de seus 4.000 moradores são oriundos dos estados do nordeste brasileiro, de Minas Gerais e do Paraná.

A população tem ocupações variadas, trabalham em coletas de lixo da cidade, em indústrias da região de Santo Amaro, em construção civil,

serviços domésticos, e atualmente torna-se visível o crescimento do número de pessoas subempregadas.

Quadros-síntese dos serviços prestados na favela Monte Azul:

Educação	Usuários
Berçário	15
Creche	120
Jardim-de-infância	20
Pré-primário	20
Centro Terapêutico	70
Centro de Juventude	154
Oficinas Profissionalizantes	75
Total	464

Saúde	Usuários
Consultas	30/dia
Odontologia	12/dia
Terapias	22/dia
Enfermagem	25/dia
Enfermaria	11/dia
Total	100/dia

Cultura	Tipo	quantidade	Participantes
	Teatro	2 grupos	30 jovens e adultos
	Dança	01 Oficina/criança	25
		01 Oficina/jovens e adultos	15
	Música	01 Coral/adultos	30
		01 Coral/infantil	50
		01 Orquestrinha	15
		Aulas de Violino	15
		Aulas de Piano	20
		Aulas de Violão	20
		Aulas de flauta	10
	Arte do Povo	Capoeira	80
		Folia de Reis	30
Total	04		340

Núcleo II

Rua Itapaiúna, 36. Jardim Novo Morumbi

Fone/fax: 846-6402

- Favela Peinha, iniciada em meados de 1960, encontra-se assentada num morro do Jardim Santo Antônio, bairro periférico da zona sul de São Paulo. Emoldurada pela marginal do Rio Pinheiros e pela Avenida João Dias, a favela tem como vizinhos o Centro Empresarial de São Paulo e o terminal de ônibus João Dias. A maioria da população é constituída por migrantes da zona rural de Minas Gerais, os outros vieram de zonas rurais de Pernambuco, Bahia e Alagoas. Das 446 famílias, 85% possuem casas de alvenaria em sistema de auto-construção; o restante mora em barracos de madeira, em áreas de risco. A estimativa populacional é de 2380 pessoas. A renda familiar varia de 01 a 04 salários mínimos. O grau de instrução é baixo, apenas um terço da população possui o primeiro grau completo. Em 1997 cerca de 80 famílias mudaram-se para o conjunto habitacional Cingapura.

Quadros-síntese dos serviços prestados na favela Peinha:

Educação	Usuários
Berçário	10
Creche	65
Jardim-de-infância	20
Pré-primário	25
Centro de Juventude	95
Oficinas Profissionalizantes	30
Total	245

Saúde	Usuários
Consultas médicas	24/semana*
Terapias	
Psicologia	18/semana
Fonoaudiologia	8/semana
Quirofonética	6/semana
Banhos nutritivos	2/semana
Enfermagem	
Pré-consultas	24/semana
Farmácia	24/semana
Enfermaria (curativos, inalações etc)	75/semana
Total	181/semana

*O atendimento médico, clínica geral e pediatria, é realizado duas vezes por semana. O atendimento odontológico é feito na Monte Azul.

Cultura
Música Coral de adultos: 06 pessoas participam do Coral da Monte Azul.
Arte do povo Folia de reis: 25 pessoas integram o grupo.

Núcleo III

Rua Minas Gerais, 25. Jardim Monte Azul

Fone/fax: 5517-0134

- Jardim Horizonte Azul, localizado na zona sul de São Paulo, a 25 km distante do centro da cidade, beirando a represa de Guarapiranga, com população estimada de 15.000 moradores. A única escola de primeiro grau, mantida pelo governo do Estado, atende 15.000 usuários. É crescente a ocupação do local, construções sem acabamento, abrigam migrantes, principalmente, do Nordeste e Norte do Brasil. O núcleo da Monte Azul é um pequeno "oásis" no meio de um imenso caos urbano.

Quadros-síntese dos serviços prestados no bairro Horizonte Azul:

Educação	Usuários
Berçário	12
Mini-grupo	24
Creche	25
Jardim-de-infância	22
Pré-primário	30
Centro de Juventude	70
Oficinas Profissionalizantes:	
Marcenaria	15
Jardinagem	15
Oficina de Produção	
Bonecas	10
Total	285

As reuniões com as famílias das crianças e jovens acontecem uma vez por mês, aos domingos.

Saúde

O atendimento médico é antroposófico e exclusivo para as crianças da entidade. Uma vez por semana o pediatra dá plantão no local, os medicamentos são distribuídos gratuitamente para as famílias que não podem pagar. O agendamento é feito pela enfermeira que está diariamente com as crianças, faz inalações, curativos, higiene pessoal: escovação de dentes, banhos etc.

O atendimento psicológico é realizado uma vez por semana. Trata as crianças com problemas de aprendizagem, de comportamento etc. Nos casos de terapias mais específicas as crianças são levadas ao ambulatório da favela Monte Azul, pois é mais completo. Os atendimentos médico e psicológico tratam, em média, vinte e cinco crianças, semanalmente.

Cultura	Participantes
Teatro: 2 grupos	30
Música: Coral Infantil Aulas de violão Aulas de flauta	45 10 160
Arte do povo: Capoeira Bumba meu boi	40 30
Total	315/semana

O salão usado para apresentações teatrais e musicais comporta um público de cem pessoas.

Depoimentos de ex-alunos

Conversamos com alguns ex-alunos - moradores da favela e do bairro - na tentativa de imprimir neste trabalho os resultados do trabalho transformador realizado pela entidade. Os depoimentos traduzem gratidão, admiração e respeito pela Associação Comunitária Monte Azul:

- Paulo Henrique dos Santos, 28, marceneiro, segundo grau completo, frequentou a Monte Azul durante 13 anos. Passou pela

creche, Jardim-de-infância, Centro de Juventude e Oficina de Marcenaria. Ele diz que não consegue imaginar a favela sem a Monte Azul, pois é *um trabalho muito importante. Muda a família, a maneira dos pais pensarem sobre a educação dos filhos*. Afirmo que tudo o que sabe aprendeu durante esses anos, participando das atividades oferecidas pela entidade: *eu só ganhei alegria, infância, educação e muitos amigos que é o mais importante. O que seria de mim se não fosse a atenção e a educação que recebi? Obrigado por tudo Ute Craemer.*

- Luciano Melo, 20, padeiro e confeitiro, 2º ano do segundo grau, participou durante 11 anos das atividades oferecidas pela entidade. *A Monte Azul trouxe tudo que o jovem precisava, como educação e profissão. Nos ensinou a ter um objetivo na vida, ver as pessoas como semelhantes e tentar ajudá-las sempre que necessitarem. Acabou com a violência e a marginalidade que existiam aqui. Se não existisse o trabalho da Monte Azul teríamos uma favela violenta, com muitos homicídios e tráfico de drogas. Graças a Deus e a Monte Azul hoje consigo ver as coisas com outros olhos: sempre me passaram coisas boas, sempre me falaram a verdade.*
- Gilberto Reimberg, 36, marceneiro, 7ª série do primeiro grau, nos últimos 20 anos participa ativamente da entidade, primeiro como aluno e agora como colaborador. Sua profissão aprendeu na Monte

Azul. Ele afirma que a entidade mudou e melhorou tudo na favela: *tanto no aspecto físico quanto no aspecto humano.*

- Vania Carla Fidalgo, 29, 2º grau completo, coordenadora da oficina produtiva de papel reciclado. Ela conta que começou na Monte Azul com seis anos de idade, na pré-escola. Depois participou do Centro de Juventude, das oficinas de costura, trabalhos manuais, bonecas, papel reciclado. Aprendeu também a tocar flauta. No seu depoimento diz: *Hoje, as mães deixam os seus filhos para serem cuidados pelas mães de creche e monitoras, sem preocupação. E o mais importante, com a certeza de que essas crianças terão um futuro melhor. Eu praticamente nasci na favela e fui crescendo com total apoio da Monte Azul. Para a minha vida pessoal a Monte Azul trouxe o melhor, na hora que mais precisei. A Monte Azul é para mim casa, mãe, educação, igualdade, solidariedade e amor.*
- Donizete Vicente da Silva, 36, 7ª série do primeiro grau, meio oficial de marceneiro, entrou na Monte Azul com 14 anos e saiu somente aos 33 anos. Ele considera que o trabalho da Monte Azul: *mudou muitas coisas na favela, mas principalmente o convívio social. Me trouxe novas experiências de vida e uma visão melhor do mundo e da sociedade. A Monte Azul prepara o ser humano para a vida comunitária.*

- Solange Maria Gomes Lemos, 33, 3º ano do segundo grau, faz também formação em Pedagogia Waldorf, há quinze anos trabalha como mãe de creche. Frequentou a Monte Azul dos 9 anos aos 18 anos. Participou de várias atividades: teatro, dança, argila, excursões, escultura e oficinas de tricô, crochê, costura etc.
Essa favela era muito perigosa, muito violenta. Agora não. As condições de vida dos moradores melhorou muito. As mães podem trabalhar com tranquilidade, pois têm onde deixar os filhos.
A Monte Azul para mim é como uma mãe e um pai, pois me acolheu quando criança. Depois como funcionária me trouxe muita segurança e um olhar diferente para com o outro. Sempre quando penso na Monte Azul penso na Ute ! A Monte Azul é como uma mãe que prepara seus filhos para a vida. Depois de adultos, pensamos em retribuir o que ganhamos.
- Adriana Maria da Silva, 21, 2º grau completo, auxiliar administrativa. Frequentou a Monte Azul durante 10 anos, dos 5 aos 15 anos. Fez todas as atividades que teve oportunidade. Relata:
A Monte Azul mudou tudo por aqui e a cada dia continua mudando. Se não fosse o trabalho carismático realizado pela Monte Azul teríamos muita violência. Para a minha vida pessoal trouxe alegria e paz.
- Ginalda Vieira dos Santos, 29, 4ª série, auxiliar de desenvolvimento infantil. Durante oito anos participou das atividades desenvolvidas

pela Monte Azul, dos 9 aos 17 anos. Fez marcenaria, esculturas em argila, dança, esportes etc. Em seu depoimento diz:

Mudou muita coisa aqui, desde a criação da Monte Azul. Não temos mais violência. As mães têm onde deixar os filhos... Eu aprendi e aprendo muita coisa boa. Tenho segurança na educação de meus filhos. A gente já sai preparada para a vida. Para cuidar dos filhos também. Eu estou feliz e realizada por trabalhar na Monte Azul. É uma oportunidade e uma chance para a gente.

- Roberto Moura de Almeida, 17, 3º ano do 2º grau, aprendiz de marceneiro. Frequentou a Monte Azul durante cinco anos, dos 9 aos 14. Fez teatro, esportes, brincadeiras etc.

A Monte Azul trouxe novos caminhos, coisas diferentes - legais; bons ensinamentos; organização e união dos moradores. Eu vejo a Monte Azul como exemplo de cidadania, de convivência com outras pessoas, de respeito ao próximo.

A Monte Azul é um exemplo eficaz de prática antroposófica. Steiner num ensaio sobre a questão social, revela:

Um bom agir nasce de um bom pensar; e um mau agir nasce de um mau pensar ou da ausência de pensamentos. Quem quiser acreditar na possibilidade de atuar positivamente no âmbito social deve admitir que tal atuação depende das habilidades humanas.

A entidade acredita e investe na capacitação das habilidades humanas para o convívio social. Os colaboradores têm consciência de sua missão, exercem seu trabalho com dedicação e alegria. Aprendem a se respeitar e a respeitar o semelhante. Os princípios antroposóficos, são traduzidos pelos gestos e atitudes delicadas do *organismo vivo* no convívio diário. O movimento da Monte Azul é espiral ascendente... milhares de seres humanos vivem em condições sub-humanas, no planeta.

É absolutamente certo dizer que: dando apenas pão, pode-se ajudar somente ao indivíduo; mas ajudar um integralidade de pessoas a obter seu pão só é possível ajudando-a a conseguir uma concepção de mundo. De nada adiantaria fornecer o pão a cada uma das pessoas de uma integralidade. O resultado seria que, depois de algum tempo, muitos estariam novamente sem pão. Justamente aquelas instituições que promovem o bem-estar material reforçarão o egoísmo dos que não possuem uma concepção voltada para o espírito, e provocarão, com o passar do tempo, pobreza, penúria e miséria. (STEINER, 1983:24)

A delicadeza do trabalho desenvolvido aliado à sua complexidade nos enche de esperança. A entidade adota o método da ciência espiritual, portanto, diferenciado do sustentado pela ciência moderna, e agora reforçado pelo debate paradigmático nas ciências

sociais. É fundamental ressaltarmos que a Monte Azul coloca um novo paradigma para o entendimento da questão social.

A Monte Azul desde o seu surgimento funcionou como uma Escola Oficina Social, os depoimentos dos ex-alunos comprovam essa afirmação. A entidade investe na profissionalização de seus colaboradores. A gestão organizacional, através dos grupos de metas, é avançada e eficaz, o trabalho cresce a cada dia. É fundamental para a continuidade da entidade, a venda de seu produto: o trabalho educativo em favelas. A entidade se mantém com convênios e doações.

Por essa razão, aperfeiçoam as estratégias para a captação de recursos: o planejamento estratégico - 1998/2001, traduzido para o inglês e para o alemão, ampliou a possibilidade de divulgação do trabalho.

Observamos na Monte Azul muita seriedade, profissionalismo, disciplina e determinação na ajuda prestada ao próximo. O espírito de Rudolf Steiner presente, no método de trabalho, inspira a elevação do ser humano. O entendimento do homem trimembrado modifica a atitude das pessoas, a solidariedade é ampliada e traduzida em ações diárias, concretas - no cuidado com a educação das crianças e jovens, na melhoria da qualidade de vida na favela, no atendimento ambulatorial minucioso, no acompanhamento das mulheres grávidas - enfim, na ajuda a seres humanos à margem do processo civilizatório.

Capítulo III

A ANTROPOSOFIA E O SERVIÇO SOCIAL: UMA QUESTÃO DE MÉTODO.

Uma teoria não é o conhecimento; ela permite o conhecimento. Uma teoria não é uma chegada; é a possibilidade de uma partida. Uma teoria não é uma solução; é a possibilidade de tratar um problema. Em outras palavras, uma teoria só realiza seu papel cognitivo, só ganha vida com o pleno emprego da atividade mental do sujeito. É essa intervenção do sujeito que dá ao termo método seu papel indispensável.
(MORIN, 1998:335)

A palavra método, na perspectiva clássica foi degradada, transformando-se num *corpus* de receitas, de aplicações quase mecânicas, que exclui o sujeito de seu exercício. Morin, na perspectiva complexa, retoma o sentido original da palavra: o método, *para ser estabelecido, precisa de estratégia, iniciativa, invenção, arte.* Segundo ele, nessa perspectiva o método gerado pela teoria, regenera-a. *O método é a praxis fenomenal, subjetiva, concreta, que precisa da geratividade paradigmática/teórica.* (1998:335)

Morin (1998) afirma que a teoria nada é sem o método, a teoria se confunde com o método:

O método é a atividade pensante do sujeito. É a arte de guiar a ciência na razão. Uma scienza nuova, que já não está ligada a um ethos de manipulação e de persuasão, implica outro método: de pilotagem, de articulação. A maneira de pensar complexa prolonga-se em maneira de agir complexa. (MORIN:1998:338)

Como vimos nos capítulos anteriores, a simplicidade dos conceitos de *continuidade, causalidade local e determinismo* norteiam as ciências nos últimos séculos, inclusive a história. As consequências desse fato são visíveis, a lógica cartesiana ainda domina o pensar científico moderno, especialmente a política e a economia. A tendência da lógica cientificista é banir a espiritualidade. Na sociedade ideal não se vive o mundo espiritual. O pensamento objetivo prevalece ao subjetivo. O ser humano sente pensamentos como verdades. E pensa o pensamento dos outros:

Quem nega tudo o que não se alinha com seu próprio pensar não se sente importunado pela relativa justificação que cabe às diversas cosmovisões. Pode sentir sem reserva o aspecto fascinante daquilo que foi imaginado numa determinada direção. Esta qualidade fascinante do intelectualismo é que vive em tantas pessoas. Elas têm facilidade em dar-se com aquilo que foi pensado de modo diferente do seu. Quem, porém, tem um mundo de contemplação como o há de ser o espiritual percebe a justificação dos diversos "pontos de vista" ; e continuamente é obrigado a defender-se no interior de

sua alma, a fim de não ser desviado excessivamente para um ou outro. (STEINER, apud HEMLEBEN, 1989:63)

Os métodos antroposófico e o do serviço social⁴² são divergentes em seus pressupostos. Levantamos alguns pontos dessa divergência, tendo em vista o debate da questão social:

A Antroposofia considera o homem parte integrante do cosmos. Ele abriga em si uma individualidade espiritual em busca de um caminho pessoal. Steiner fala do homem, habitante do planeta terra, com consciência planetária. O homem em seu caminho de evolução espiritual, com uma missão a cumprir. O olhar antroposófico engrandece a existência - resgata o deus-homem - capaz de progredir em sua evolução.

Os princípios antroposóficos - IGUALDADE na vida social, jurídica e política; LIBERDADE no pensar, na educação, na religião e na cultura e FRATERNIDADE na economia, reiteram o respeito ao ser humano. É um dos pressupostos do organismo Monte Azul. Todo e qualquer sistema político, econômico ou social é criação humana. Conseqüentemente, o caos social sendo incrementado pelos homens, somente poderá ser amenizado pela ação de cada ser humano. Para a Antroposofia a mudança externa se concretizará através do caminho interior.

⁴² O Serviço Social não tem um método, existem várias propostas de construção do método.

A Antroposofia é uma ciência espiritual: Steiner descobriu em Goethe a base epistemológica para assentar o conteúdo de suas contribuições científicas no final do século XIX, marcado pelo crescimento do materialismo, o qual ele refutou incansavelmente.

- Não acredita que o homem seja somente condicionado pelas circunstâncias externas. A individualidade espiritual de cada um existe, e é capaz de sobrepor às influências externas.
- Analisa fenômenos exteriores relacionando-os com as qualidades interiores do ser humano. Por exemplo: o capitalismo se baseia na vontade do homem de construir seu bem-estar à custa do outro. Se através da educação o homem muda essa mentalidade, a do *proveito próprio* - adquirindo uma concepção espiritual sobre a vida - as relações sociais, econômicas, políticas funcionarão com outra lógica. É pertinente citar a Monte Azul como exemplo institucional eficiente, funcionando com lógica trimembrada. Não falamos anteriormente sobre a lógica estabelecer a regulação social?
- Acredita que só pode ser eficiente uma concepção espiritual que se introduza nos pensamentos, nos sentimentos e na vontade, ou seja, na alma humana como um todo. Uma simples teoria econômica jamais provocará um impulso contra as forças egoístas.
- Toda instituição é um organismo vivo, portanto, deve ser tratada com muito respeito, muito amor, muita dedicação.
- O homem deve ser pleno e consciente, capaz de refletir e transformar sabiamente sua realidade, tanto no plano individual quanto coletivo.

Para Faleiros (1999) a questão da metodologia do Serviço Social está diretamente relacionada com o *fazer e o poder fazer, com o poder e o fazer*. Ele não considera o método um conjunto de etapas ou recomendações:

A metodologia implica a análise das condições e das forças em presença para empreender uma ação com a crítica dos caminhos possíveis e das conseqüências previsíveis teórica e praticamente, em decorrência da disposição estratégica e tática dos meios e recursos para produzir efeitos. (FALEIROS, 1999:117)

O método em Serviço Social, segundo Faleiros, se situa na ótica do dominado, na sua relação com o dominante. O método consiste em trabalhar a força e o saber do dominado numa perspectiva de transformação da prática profissional conservadora em prática profissional crítica.

Nos anos 60 e 70, segundo Faleiros (1999), a metodologia do Serviço Social foi tema de debate profissional, na América Latina. Deste debate emerge a proposta de uma nova abordagem, recusando o Serviço Social tripartido em caso, grupo e comunidade. Esse fato resultou em duas outras propostas metodológicas:

- 1) Estudo, diagnóstico e tratamento. Um modelo clínico de correção de problemas centralizado no julgamento do profissional.

- 2) Estudo, diagnóstico, plano, programa, execução e avaliação. Um ótica asséptica e neutra; sem conteúdo e sujeito.

Faleiros (1999) aponta em suas contribuições que o marxismo trouxe ruptura dessa visão conservadora do serviço social:

O regaste da teoria se fez por meio do estudo direto de Marx, do aprofundamento do marxismo e de seu confronto com o positivismo, da crítica ao positivismo das tecnologias da clínica e do planejamento, da relação do método com as questões superestruturais da política e da ideologia. Este questionamento teve o subsídio da reflexão de Gramsci sobre a superestrutura e o intelectual orgânico distinguindo-se o profissional do militante partidário, aclarando-se o papel das ideologias, da hegemonia e da contra-hegemonia. Os profissionais, em seu processo e seu lugar de trabalho, inserem-se no conflito entre hegemonia e contra-hegemonia, isto é, na disputa pela legitimação, pela direção da sociedade e pelo poder de coerção do Estado, nas relações entre as classes dominantes e as subalternas. Nessa disputa formam-se blocos, partidos, tanto para manutenção como para transformação da sociedade, sem que haja necessariamente uma vinculação partidária estrita, ou como assinala Gramsci: um intelectual que passa a fazer parte do partido político de um determinado grupo social confunde-se com os intelectuais orgânicos do próprio grupo, liga-se estreitamente ao grupo. (1999:14)

Nesta lógica, os pressupostos do serviço social são os da ciência clássica, no que se refere ao terceiro excluído, basta analisar o discurso: dominantes ou dominados, hegemonia ou contra-hegemonia, direita ou esquerda, mulheres ou homens, ricos ou pobres, brancos ou negros. Caracteriza a maneira ocidental de pensar. Cabe ressaltar que a lógica do terceiro excluído torna-se nociva quando aplicada em campos complexos como o social ou o político, pois é uma lógica de exclusão. É a lógica geradora da xenofobia, do racismo, do nacionalismo, do anti-semitismo...

A lógica antroposófica considera o homem trimembrado, incluindo três dimensões: física, espiritual e anímica. Defende o pensamento puro, livre de doutrinas ou dogmas. É uma lógica complexa. Cito Steiner para demonstrar a sua lógica quando se colocou diante da cosmovisão de Haeckel e Nietzsche:

Eu sentia sua justificação relativa. Devido à minha condição anímica, não conseguia tratá-los de modo a dizer: isso é correto, isso é incorreto. Nesse caso, teria de sentir como algo alheio a mim o que vive neles. Porém, eu não sentia uma mais alheia do que a outra; pois me sentia domiciliado somente no mundo espiritual por mim contemplado, enquanto que me sentia "como em casa" em qualquer outro. (STEINER apud HEMLEBEN, 1989:63)

Steiner sistematizou a ciência espiritual utilizando a epistemologia de Goethe, no sentido de contribuir para a teoria do conhecimento. Em relação as formas dadas às suas idéias, ele declarou:

Se queres pôr tua própria vivência interior do mundo espiritual em harmonia com a consciência intelectual de teu meio ambiente, de forma a possibilitar uma dominação eficaz do materialismo, cada vez mais expressivo como cosmovisão e forma de vida, forçosamente deves adotar primeiro a atitude de consciência intelectual do homem do século XIX. Deves enfiar-te na pele do dragão. Somente se dominares os métodos do pensar científico-natural, poderás tornar eficaz, no Ocidente, uma cosmovisão espiritual. (STEINER apud HEMLEBEN, 1989:31)

O Serviço Social propõe a solução da questão social na transformação das condições externas, ou seja, na mudança dos sistemas econômico e político. A Antroposofia vê a solução na mudança interior do ser humano. A transformação externa será consequência do crescimento interior do homem. O primeiro, talvez seja um caminho mais rápido, muitas vezes alcançado através de revolução. O segundo é um caminho mais lento, alcançado através da educação. É o caminho do desenvolvimento interior.

Este pressuposto tem uma lógica diferente: *O bem-estar humano é tanto maior quanto menor for o egoísmo. (Steiner, 1983:22)*

Há vinte e um anos a Monte Azul vem apontando o caminho para sair do egoísmo. *Quem trabalha para si, com o tempo, necessariamente cai nas mãos do egoísmo. Somente aquele que trabalha totalmente para os outros pode gradativamente tornar-se um trabalhador não-egoísta.* (idem) Outro diferencial do organismo vivo Monte Azul é a consciência de uma missão a cumprir, uma concepção espiritual da vida.

O Serviço social surgiu tendo como cenário as inquietações sociais advindas do capitalismo. Quando o lucro deixou de ser pecado ou imoralidade, a preocupação com os empobrecidos e com os problemas sociais e políticos que poderiam criar, tornou-se estratégia de defesa do poder político. Fruto da união da cidade com a indústria, o Serviço Social faz, também a ligação entre instituições públicas e cidadãos, empregados e patrões.

Baptista (1999) entende a prática profissional do assistente social, em constante processo de construção no cotidiano da categoria:

O serviço social, como as demais profissões, na medida em que se fazem, se refazem e se reconstróem as relações na sociedade, vai se fazendo, se reconstruindo e se refazendo, muito embora nesse processo não sejam superados os limites das relações postas pelo capitalismo. Nesse movimento, as ações individuais dos profissionais podem assumir, ao mesmo tempo, as dimensões de síntese - resultante do processo coletivo de elaboração de conhecimentos e práticas

desenvolvido pela categoria - e de criação de novas propostas e de novos conhecimentos. (1999:8)

Dada a rotina do serviço social, Baptista prossegue alertando para o risco do desenvolvimento de práticas aliadas à segregação e à injustiça, portanto cúmplices da banalização da vida.

O serviço social é uma profissão predominantemente institucional - estatal - sob vínculo empregatício e assalariada. Baptista afirma *que a instituição tem o poder de estabelecer normas e regulamentos. Esse poder se organiza a partir da autoridade funcional, que é o que determina o trabalho específico (1999:16)*

Faz diferença a forma de gestão organizacional, considerando o pressuposto Antroposófico. Na Monte Azul as decisões são tomadas por todos os colaboradores. Os serviços prestados à comunidade traduzem um conjunto de vontades determinadas em ajudar o próximo. A leitura da realidade e a do homem passam por uma concepção espiritual. É uma concepção que os governos não têm, por isso constituem-se em espaços de corrupção a cada dia revelados.

O fato da maioria dos assistentes sociais ser funcionário do Estado lhe coloca muitas ambigüidades. Segundo Gentilli (1998) as questões da política-partidária atravessam a profissão, e determinam as ações dos profissionais:

Nos discursos dos profissionais da prática emerge uma complexa rede de contradições, que tanto se articulam aos limites institucionais, quanto ocultam intenções políticas dos profissionais (inclusive as de caráter militante). ...Apesar de serem encontradas evidências de trefismos e burocratização profissional, não foi possível estabelecer uma relação empírica clara entre os problemas concretos enfrentados no cotidiano e dificuldades teóricas dos profissionais. Existem profissionais de boa formação teórica com pouco poder de resolutividade operacional, assim como existem profissionais de grande habilidade operativa e pouca fluência verbal e capacidade de convencimento discursivo. (GENTILLI, 1998:33)

Na pesquisa realizada por Gentilli, ficou evidenciada a queixa de falta de *"articulação entre a teoria e a prática"*. Os profissionais consideram a teoria estudada, durante a formação em serviço social, insuficiente para a resolução das questões práticas, cotidianas. Assim, cada assistente social introduz em sua prática *variáveis decorrentes de sua subjetividade e de sua singularidade*, derivando diferentes estilos de atuação profissional.

Outro ponto levantado por Gentilli em sua pesquisa, é o lugar comum - nas organizações onde existe a divisão sócio-técnica do trabalho - do desentendimento infundável entre os profissionais do planejamento e os da execução. Os profissionais do planejamento acusam os da execução de se perderem em minúcias, e os profissionais da

execução rotulam os planejadores de burocratas sem perspectiva profissional.

A multiformidade profissional, segundo Gentilli, deve ser respeitada e tolerada, tanto em relação ao aprofundamento de teorias divergentes, quanto das trocas entre as representações ideológicas e políticas. Afirma ser pertinente a aceitação do pluralismo, das múltiplas possibilidades de atuação, assumidas pelos profissionais, em suas articulações teórico-práticas e político-ideológicas.

Como vimos, o discurso do assistente social, ao longo da sua história vai se construindo na relação teoria e prática, mediado por intervenções do campo sócio-cultural e subjetivo no cotidiano individual (caso/sujeito) e do coletivo (grupo/comunidade/classes sociais).

Entretanto, segundo Regina Souza de Almeida Wrasse, ainda:

*...carregamos muito a história do Serviço Social, vivemos o passado da profissão. Nesse sentido, o Serviço Social é conservador. Somente agora, é que os assistentes sociais estão discutindo o Terceiro Setor.*⁴³

⁴³ Trecho da entrevista realizada com Regina Souza de Almeida Wrasse, 25, assistente social. Ela é ex-aluna - aos 5 anos frequentava o pré-primário - da Monte Azul. Aos quinze anos começou a trabalhar na entidade, primeiro na parte administrativa, depois na coordenação operacional do Centro Cultural. Terminou o curso colegial. Fez sua formação em Serviço Social. Fez vários cursos de aperfeiçoamento. Passou 06 meses na Inglaterra, com total apoio da entidade. E, nos últimos três anos fez captação de recursos para os projetos em andamento nos núcleos da Monte Azul. Este ano se afastou para realizar assessoria junto a pequenas ONG's, na área da infância e adolescência. Este trabalho também está relacionado com a Antroposofia.

Na Associação Comunitária Monte Azul hoje não existe um atendimento direto do Serviço Social, e Regina explica porque:

O Serviço Social que a Monte Azul prestou foi no sentido de desenvolver a autonomia dos moradores. A comunidade se organizou, criou a Associação dos moradores, que, hoje, discute os problemas, toma decisões e encaminha as soluções de uma maneira consciente. Não existe a necessidade do assistente social acompanhar esse processo. Há algum tempo, na entidade o assistente social faz mediações desempenhando o papel de consultor, captador de recursos etc.

Regina diz sentir uma fragilidade imensa nas instituições pela ausência de participação do assistente social. Com isto, outras categorias profissionais ocupam o Terceiro Setor com rapidez. *Precisamos ampliar nosso espaço profissional*, diz ela. O perfil do assistente social, nas instituições que visita, ainda é aquele da concepção burocrática: atrás de uma mesa, ouve-se o "caso"... e, então faz o encaminhamento; a distribuição de cesta básica etc. Ela acrescenta:

No Terceiro Setor discute-se marketing social, planejamento estratégico, captação de recursos e não se fala em Serviço Social. O assistente social precisa acordar e se pôr humilde. Precisa começar a desempenhar o papel de mediador entre empresários, governos e população,

fazendo a captação de recursos necessários para o desenvolvimento de políticas sociais eficazes para a transformação desse imenso caos social.

Regina fala sobre a Antroposofia, adotada como sua filosofia de vida:

Na faculdade tive oportunidade de conhecer outras filosofias. No entanto, optei pela Antroposofia pois é uma filosofia que me identifica com a vida. Me permite liberdade de expressão: no pensar, no querer e no agir. Me fortalece para lidar com a questão social. Se eu não tivesse tido esse preparo, na infância e adolescência, aqui na Monte Azul não agüentaria enfrentar os problemas cotidianos de minha profissão.

A Antroposofia é criativa. É essa forma de entender o ser humano trimembrado, nos fortalece para lidar com a realidade social. Trabalhando na Monte Azul eu aprendi a respeitar, acima de tudo, o ser humano. E acreditar nele, sabendo que ele é capaz de se transformar.

Ute Craemer (1989) comentando a respeito da lei espiritual da Antroposofia, frisa a importância de se pensar as instituições:

Não é suficiente aplicar esta lei apenas do ponto de vista moral, mas uma comunidade de trabalho deve criar instituições e formas nas quais ninguém possa reivindicar os frutos do próprio trabalho. Isso significa, por exemplo,

que trabalhar para o próximo e ter um determinado salário são coisas totalmente diferentes.

A Pedagogia Social ou Pedagogia Waldorf estabelece um caminho espiritual. Uma de suas principais metas é proporcionar condições para a criança desenvolver seu mundo espiritual, sua individualidade, seu potencial criativo, para - quando adulto - contribuir com julgamentos próprios e conscientes da realidade de sua família, de seu trabalho, de seu país e do mundo.

Segundo Craemer:

A Antroposofia é um método de trabalho, o método que considero mais adequado para dar respostas às questões atuais, como educação, ecologia, medicina, biografias das pessoas etc. Como qualquer instrumento de trabalho precisa ser respeitado. A meta para mim é o ser humano como expressão divina da imagem de Deus. Rudolf Steiner propões a compreensão do ser humano, do planeta terra, da história mundial, do cosmo, partindo da concepção de que todo organismo vivo tem um lado físico-material, perceptível pelos sentidos, e, outros, imperceptíveis à primeira vista, são os mundos psíquico e espiritual. Esta visão permite desenvolver métodos que, muitas vezes, ultrapassam os métodos baseados em visões materialistas do mundo. Métodos como a Pedagogia Waldorf, a Medicina e a Terapia ampliadas

pela Antroposofia, a Agricultura Biodinâmica, entre outros. (CRAEMER, 1999:9)

Rudolf Steiner escreveu: *o bem de uma comunidade é tanto maior quanto mais as capacidades de cada indivíduo fluem para a comunidade e quanto mais a comunidade se espelha em cada alma individual. (1986:111)* Esta troca entre o indivíduo e a sociedade traz equilíbrio para proporcionar o bem comum e não, apenas, o bem-estar de parcela da população.

Esta meta parece enorme, a princípio ilusória. Mas, e se criarmos coragem e começarmos com aquilo que está ao nosso alcance? Não tenho como educador, à minha volta, os alunos? Não poderia começar por eles? Seguramente não vai resolver o bem-estar do mundo inteiro, mas é o primeiro passo em direção a um mundo mais harmonioso, mais justo, mais humano - sustentado por valores éticos conscientes. (CRAEMER, 1999:86)

Somente com uma concepção espiritual da natureza o homem encontrará as soluções necessárias ao progresso social. Steiner diz que não devemos duvidar disto pois, aparentemente, até hoje, nenhuma concepção de mundo trouxe felicidade aos homens.

O filósofo afirma que as condições externas são apenas expressão da vida interior. As condições em que vivemos são criadas

pelos nossos semelhantes; e não conseguiremos melhorá-las, se não partirmos de pensamentos, atitudes e sentimentos diferentes.

Alguém poderá refutar este pensar dizendo que a simples "boa intenção" não trará a ninguém a possibilidade de melhorar o salário de seus empregados - a boa intenção não aumenta as suas possibilidades de lucro - e, portanto, não muda a situação de seus empregados. Entretanto, Steiner raciocina com outra lógica: *O que pode ocupar alguém que só sabe servir a seu próprio bem-estar, senão o objetivo de ganhar o máximo possível?* Pensando assim não considera a forma pela qual os outros têm que trabalhar para satisfazer as suas necessidades. Para Steiner, o que conta é a intenção do ser humano: *Como pode o meu trabalho servir aos outros?* Assim, ao adquirir alguma coisa, sem pensar no proveito próprio, mas no dos outros, todos os interesses e condições de vida se transformam. As minhas forças serão colocadas a serviço do outro - esta decisão foi tomada pelos colaboradores da Monte Azul, por exemplo.

Os conceitos de rico e de explorador devem ser totalmente separados. Segundo Steiner, o pobre tem atitudes de explorador para com seu semelhante, tal como o rico. Não são os fatores riqueza ou pobreza que determinam a atitude de explorador da força de trabalho alheia. É uma regulação social derivada de uma certa lógica. Vejamos: o opressor é aquele que vive pomposamente, que viaja de primeira classe, que fica em bons hotéis etc.; o explorado é aquele que viaja de 3ª classe e vive humildemente. No entanto, o explorador nada tem a ver com isso.

Sendo pobre ou rico, eu exploro quando adquiro coisas não pagas adequadamente. Este é um ponto de referência, diferente do atual, para o pensar social.

O fato de nossas instituições estarem baseadas no princípio do *proveito próprio* concretiza o apartheid social. Se as instituições são feitas pelos homens espelham a lógica do pensar humano. Nos dias atuais é natural que eu procure pagar, o menor preço possível por uma mercadoria ou produto. Eu penso somente em mim. Sempre utilizo o que tenho para satisfazer apenas a minha pessoa, sem dúvida, exploro o outro. Se faço coisas pensando no proveito próprio, exploro o semelhante.

O pensar materialista acredita que uma comunidade prospera quanto mais o indivíduo possa embolsar o rendimento de seu trabalho. A Antroposofia ensina o contrário. Diz que o egoísmo é o gerador da penúria e miséria humanas.

Ute Craemer responde em relação ao trabalho realizado nas favelas: O quê fazem para essas pessoas se sentirem gente?

Primeiro, eu tento, cada vez mais, me impregnar do ideal de que cada ser humano é filho de Deus. E não basta entender isso racionalmente, tem que vivenciar verdadeiramente isso. É um treino que dura a vida inteira, mas tem certos exercícios que ajudam a desenvolver o amor cristão e o interesse profundo pelo

ser humano ao seu lado, seu próximo mais próximo. As pessoas percebem sua tentativa de enxergar o parceiro de conversa com abertura, com calor, mas também com lucidez e justiça. Este esforço de auto-educação para ver as pessoas sem preconceito, acende nelas uma luz - o ser de luz na pessoa. De um lado emana confiança e de outro acendem-se chamas de coragem, de vontade e de entusiasmo. Por vezes, a chama não tem suficiente força para continuar brilhando por muito tempo. Conforme o peso da vida, a pessoa precisa de ajuda para manter viva a chama. Aí temos as possibilidades de conversas individuais, procedimento terapêutico ou tratamento biográfico. (CRAEMER,1999:9)

Na Monte Azul o processo educativo se desenvolve a serviço da vida. De acordo com o descrito sobre a entidade verificamos a pertinência de seu trabalho com o relatório preparado pela UNESCO, à respeito da educação na Aldeia Global do século XXI. Segundo o relatório a educação deverá ser orientada por quatro pilares:

- 1) APRENDER A SABER
- 2) APRENDER A CONVIVER
- 3) APRENDER A ATUAR
- 4) APRENDER A SER

O método utilizado pela Monte Azul privilegia cada um desses aspectos. No primeiro pilar estariam todas as atividades da pré-

escola, o reforço escolar, a profissionalização, a oficina social e a cultura geral dos jovens e adultos. No segundo pilar entraria tudo o que é feito para entender melhor o outro. O terceiro pilar é trabalhado desde a idade do jardim-de-infância - a Pedagogia Waldorf durante o primeiro setênio incentiva o desenvolvimento da força de vontade no ser humano. E finalmente, o quarto pilar, resume todos os outros, ter a possibilidade de desenvolver suas capacidades naturais, corporais, artísticas e intelectuais: fazendo teatro, aulas de música, desenhando, modelando, escrevendo histórias e poesias etc.

Para Renate Keller, coordenadora pedagógica, professora de violino, integrante do conjunto de câmara e do grupo de metas da Monte Azul diz que a consciência crítica se desenvolve na juventude, e abrange os âmbitos do pensar, do sentir e do querer.⁴⁴

Aí entra a Pedagogia Waldorf, pois leva a sério o ser humano. A proposta é trabalhar, durante o primeiro setênio, a força de vontade, o impulso de fazer. O que leva você a levantar e agir? Protegendo a criança, em sua inconsciência, você está trabalhando a força de vontade. A Pedagogia Waldorf é medicinal. As atividades pedagógicas tem uma resposta nos corpos físico, espiritual e anímico.

⁴⁴ Pensar: aprender a lidar com as informações sobre os fatos sabiamente. Sentir: buscar o equilíbrio - é importante trabalhar os sentimentos. Querer: através da vontade, construir. Trecho de uma entrevista realizada por nós.

O bem-estar só pode acontecer onde, de alguma maneira, a vida esteve imbuída do espírito do Todo.(1983:23) Na Monte Azul o espírito do Todo é inspirado na Antroposofia e construído no cotidiano. A vontade de ajudar - o querer - é tamanho que o pensar e o sentir constróem o caminho livre do egoísmo.

A integralidade deve estar imbuída de um espírito real do qual todos participam; deve ser de tal forma que cada um possa dizer: ela é certa e quero que seja assim. Ela deve ter uma missão espiritual, e cada um deve querer contribuir para que esta missão se realize. Todas as idéias progressistas, abstratas e indefinidas, das quais normalmente se fala, não podem representar esta missão. Se apenas elas predominam, haverá indivíduos aqui e grupos acolá que não vêem sentido em seu próprio trabalho, além do objetivo de satisfazer as necessidades de seus dependentes ou ainda seus interesses do momento. - O espírito desta integralidade deve atingir todos os indivíduos. (STEINER, 1983:22)

Através da ciência espiritual o homem fica sabendo que não nasceu por acaso, o lugar e momento foram determinados pelo - carma - lei causal espiritual.

Ele pode reconhecer que o seu destino, por certos motivos, o colocou na comunidade em que se encontra. A respeito de suas habilidades, ele também pode perceber que não são produtos do acaso, mas que têm um sentido,

quando vistas em função desta lei causal. O ser humano poderá reconhecer tudo isto de maneira a tornar este reconhecimento não apenas objeto de sua razão, mas de maneira a fazer com que, gradativamente, este reconhecimento venha a preencher de vida sua alma como um todo. Ele desenvolverá o sentimento de estar agindo de acordo com um sentido superior, ao trabalhar em conformidade com suas habilidades e com o lugar que ocupa no mundo. O resultado não será um idealismo obscuro mas um impulso poderoso de suas próprias forças, e ele considerará o agir deste modo tão natural como beber e comer. Além disto, ele reconhecerá o sentido da comunidade à qual pertence. Reconhecerá a maneira pela qual sua comunidade se relaciona com as outras; e assim os espíritos individuais destas comunidades poderão unir-se, formando uma imagem espiritual da missão una da raça humana como um todo. (STEINER,1983:25)

O diferencial básico entre os métodos em análise é a epistemologia científica em que se nutrem, a referência teórica de cada um deles. A ciência moderna e a ciência espiritual.

No estudo desenvolvido, a Antroposofia revelou-se um método eficiente para o enfrentamento da questão social. Justamente por resgatar o homem trimembrado - em corpo, alma e espírito - desperta os sentimentos de respeito e solidariedade pelo semelhante, não

importando como ele está no momento, e, sim, como poderá vir a ser, transformado pela capacitação de seu potencial interior.

Trata-se de um novo paradigma, com ciência sistematizada, porém não acabada. Steiner alerta para este fato: *Somente aquele que quer dogmas prontos e rígidos poderá acreditar que a forma atual dos ensinamentos da ciência espiritual seja definitiva ou até mesmo a única possível.* (STEINER, 1983:26)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre 1882 e 1896, o empenho de Rudolf Steiner foi dirigido a dar razão filosófica a uma ciência do orgânico, que superasse o materialismo:

O método da física é simplesmente um caso particular de uma forma geral de pesquisa científica, na qual se tem em consideração a natureza dos objetos em apreço e o âmbito ao qual serve essa ciência. Estendendo esse método ao orgânico, extingue-se a natureza específica deste último. Em vez de pesquisar o orgânico segundo sua natureza, imprime-se-lhe uma regularidade estranha. Mas assim, negando o orgânico, nunca se o conhecerá. Tal procedimento científico simplesmente repete, em grau mais elevado, o que adquiriu num grau inferior...
(STEINER, apud Hemleben, 1989:43)

Na verdade, a grande preocupação de Rudolf Steiner sempre foi com o crescimento demasiado do pensamento materialista, não só ele, como vários filósofos de meados do século XIX e do início do século XX, citados anteriormente nesta dissertação. O pensar materialista utiliza um único método para as ciências do orgânico e do inorgânico. O método mecanicista não abarca a realidade do orgânico. Utiliza os pressupostos da física clássica, não trazendo nenhuma informação sobre a natureza íntima do ser humano.

A crise paradigmática vivida pela ciência moderna, após a física quântica comprovar a existência de realidades diferentes, impulsiona nosso espírito a investigações transdisciplinares.⁴⁵ É nessa perspectiva que se desenvolve o trabalho na entidade pesquisada.

A Monte Azul - organização não governamental - funciona com uma lógica totalmente diferente da lógica materialista. Sua ação é baseada em pressupostos da Antroposofia - ciência espiritual. O ser humano possuidor de corpos físico, espiritual e anímico; veio cumprir uma missão em sua passagem pela vida terrena.

A entidade traz em sua pedagogia social, alternativa eficaz para o desenvolvimento comunitário. E, tem uma concepção ampla de comunidade: *em volta da favela situam-se os bairros, uns carentes outros mais abastados; os estados do Brasil, os países da Terra.* (CRAEMER, 1999:86) Esta concepção de comunidade nos remete à uma discussão filosófica trazida por Edgar Morin (1995), somos cidadãos do mundo e devemos zelar por ele: a economia, a demografia, o desenvolvimento, a ecologia se tornaram problemas que dizem respeito a todas as nações, ao planeta como um todo.

⁴⁵ Diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Os seus pilares são os níveis de realidade, a lógica do terceiro incluso e a complexidade. (BASARAB, 1999:47)

A Monte Azul tem também como meta prevenir a violência, nutrindo o potencial criador do ser humano - religando-o à sua origem espiritual - desenvolvendo nas crianças, nos jovens e nos adultos uma força interior capaz de afastar a violência. E a possibilidade de se estabelecer uma vida comunitária saudável, é evidenciada por alguns indicadores da favela Monte Azul:

- O índice de criminalidade e de uso de drogas é baixíssimo.
- O bom nível de escolaridade, é crescente o número de crianças e de jovens ingressando em cursos técnicos e universidades.
- Os cursos pedagógicos e profissionalizantes formam centenas de educadores.
- O Centro Cultural, em função de sua programação de alto nível, se tornou referência em São Paulo.
- A auto-estima das pessoas aumentou, principalmente das mulheres.
- A multiplicação da experiência através de consultorias, palestras, participação em congressos incentiva a conscientização sobre a questão social.

Analisando o trabalho da Monte Azul, concordamos com Ute Craemer quando afirma que uma obra social não precisa ser antropológica, porém considera:

Quando você se propõe a promover uma mudança profunda, a longo prazo, precisa ter uma meta bem definida. É diferente de um movimento contra a carestia ou pela moradia - com metas a curto e a médio prazos. O

ponto de partida é uma visão não materialista do mundo. Pode ser cristão, budista, ou de qualquer outro jeito, mas eu acho que, pelo menos, ter o entendimento que o ser humano é mais do que um animal inteligente. Há uma forte tendência da mídia em reduzir o homem às suas funções básicas, ligadas a seu corpo físico. Dessa forma, degradamos o homem. No trabalho pedagógico-social, tentamos elevar o homem, apelando sempre para a força de sua alma, à sua essência divina, ao "divino insuflado na lama". (Gênesis) (CRAEMER,1999:10)

A era da planetarização exige um novo código para agirmos como cidadãos do mundo, através da união de nossos esforços, surgirá o potencial para transformar o que está ultrapassado. A questão não é quais deste ou daquele governo, de direita ou de esquerda. Pensar em escala planetária exige outro modo de sentir, de olhar, requer uma consciência expandida para além dos limites criados pela mente.

Hoje, na terra, os humanos passam grande parte de seu viver sobrevivendo. Precisamos investir para que o estado segundo se torne o primeiro. É preciso tentar viver não apenas para sobreviver, mas também para viver. Viver poeticamente é viver por viver. (MORIN,1995:179)

Para a Monte Azul viver por viver significa aprender a ser. Aprender a ser, a viver, a partilhar, a comungar enquanto terrestres. Assim, captaremos mensagens vindas de horizontes diversos, mensagens

de fé, de humanismo, de solidariedade, de romantismo, das ciências, enfim, a redescoberta da relação umbilical com a Terra-Mãe, resgata o sentimento humano de não dominar, mas de arrumar, melhorar e compreender.

O apelo à fraternidade não se deve apenas atravessar a viscosidade e a impermeabilidade da indiferença. Deve superar a inimizade. A existência de um inimigo mantém ao mesmo tempo nossa barbárie e a dele. O inimigo é produzido por cegueira às vezes unilateral, mas que se torna recíproca quando respondemos com uma inimizade que nos torna igualmente hostis. É verdade que os egocentrismos e os etnocentrismos, que suscitaram e não cessam de suscitar inimigos, são estruturas inalteráveis da individualidade e da subjetividade, mas, assim como essa estrutura comporta um princípio de exclusão no eu, ela comporta um princípio de inclusão num nós, e o problema chave da realização da humanidade é ampliar o nós, abraçar, na relação matri-patriótica terrestre, todo ego alter e reconhecer nele um alter ego, isto é, um irmão humano.(MORIN,1995:176)

BIBLIOGRAFIA

ABBAGNANO, Nicola (1996). *Dicionário de Filosofia*. Fondo de Cultura Econômica, México, D.F., p. 83.

AZEVEDO, Carmen Silvia Carmona de (1999). *Promoção de Saúde: uma experiência baseada na Antroposofia - o Caso da Favela Monte Azul*. Tese de Doutorado, Faculdade de Saúde Pública, área de concentração Educação em Saúde Pública, Universidade de São Paulo.

BAPTISTA, Myrian Veras (1999). *A Natureza Complexa das Relações Profissionais Cotidianas*. Mimeografado.

BASARAB, Nicolescu (1999). *O Manifesto da Transdisciplinaridade*. Triom Editora, São Paulo.

BOS, Alexander (1994). *Doze Dragões em luta contra iniciativas sociais*. Editora Antroposófica. São Paulo.

BOS, Alexander (1986). *Desafios para uma Pedagogia Social*. Editora Antroposófica, São Paulo.

CRAEMER, Ute (s.d.). *Crianças entre luz e sombras*. Editora Associação Comunitária Monte Azul, São Paulo.

Pontifícia Universidade Católica
de São Paulo

Biblioteca Madre Genevêa Klougi

CRAEMER, Ute (1989). *A Questão Social*. Editora Antroposófica, São Paulo.

CRAEMER, Ute (1999) *Os Passos de uma Entidade Social. Manual de Experiência no Trabalho da Associação Comunitária Monte Azul*. Documento interno.

DOWBOR, L. et..al (1997). *Desafios da Globalização*. Editora Vozes, Rio de Janeiro.

DREIFUSS, René Armand (1997). *A Época das Perplexidades - Mundialização, globalização e planetarização: novos desafios*. Editora Vozes, Petrópolis.

ECO, Umberto (1998). *Como se faz uma tese*. Editora Perspectiva, São Paulo.

ETIENNE, Richard Mbaya.(1997). In Estudos Avançados nº 30. *Gênese, Evolução e Universalidade dos Direitos Humanos frente a diversidade de Culturas*. Instituto de Estudos Avançados - USP.

FALEIROS, Vicente de Paula (1999). *Estratégias em Serviço Social*. Editora Cortez, São Paulo.

GENTILLI, Raquel (1998). *Representações e Práticas - identidade e processo de trabalho no serviço social*. Editora Veras. São Paulo.

FREI, DW. (1988). *Política com fundamento humano, una necesidad social*. Editora Epidauro, Buenos Aires.

HARVEY, David (1982). *O trabalho, o capital e o conflito de classes em torno do ambiente construído nas sociedades capitalistas avançadas* in Revista Espaço e Debates nº 6, ano II junho, São Paulo.

HARVEY, David. (1980). *Justiça Social e a Cidade*. cap. 5: Valor de uso, valor de troca e a teoria do uso do solo urbano. Pp. 131-166. Editora Hucitec, São Paulo.

HEMLEBEN, Johannes (1989). *Rudolf Steiner*. Editora Antroposófica, São Paulo.

HERWIG, Haetinger (1998). *Poemas, pensamentos: Reflexões para o nosso tempo*. Editora Antroposófica, São Paulo.

HIRST, P. e THOMPSON Gr. (1998). *Globalização em questão*. cap. 1 pp. 13-38. Editora Vozes, Rio de Janeiro.

IANNI, Octávio (1996). *Globalização e Diversidade*. In Patarra, N. (org.) Migrações internacionais, Herança XX e Agenda XXI - vol. 2, Oficina Editorial FNUAP, Campinas.

IGNÁCIO, Renate Keller (1995). *Criança Querida - o dia-a-dia das creches e jardim-de-infância*. Editora Antroposófica, São Paulo.

- KAMINSKI, Patrícia e KATZ, Richard. (1998). *Repertório das Essências Florais*. Editora Triom, São Paulo.
- LANZ, Rudolf (1985). *Do Goethianismo à Filosofia da Liberdade*. Editora Antroposófica, São Paulo.
- LANZ, Rudolf (1990). *Nem Capitalismo Nem Socialismo. A organização social segundo Rudolf Steiner*. Editora Antroposófica. São Paulo.
- LANZ, Rudolf (1990). *Noções Básicas de Antroposofia*. Editora Antroposófica, São Paulo.
- LEFEBVRE, H. (1991). *O direito à cidade*. Industrialização e Urbanização pp. 3-24. Ed. Moraes, São Paulo.
- LEFEBVRE, H. (1972). *O pensamento marxista e a cidade*. cap. 2,3 e 4 pp. 29-164. Editora Ulissea, Portugal.
- LINS, Daniel...et al (1997). *Cultura e Subjetividade: Saberes Nômades*. Editora Papirus, São Paulo.
- LOJKINE, Jean. (1979). *O papel do Estado na Urbanização capitalista*. In Reginaldo Forti (org.) *Marxismo e Urbanização Capitalista*. Livraria Ciências Humanas, São Paulo.

MACHADO, Paulo de Almeida (1984). *Ecologia Humana*. Editora Cortez em co-edição com o CNPq. São Paulo.

MARTINS, J. Souza (1997). *Exclusão Social e a nova desigualdade*. cap. 1 pp. 25-38. Editora Paulus, São Paulo.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (1994). *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. Editora Vozes, Petrópolis.

MORIN, Edgar (1995). *Terra-Pátria*. Editora Sulina, Porto Alegre.

MORIN, Edgar (1996). *O Método III O Conhecimento do Conhecimento*. Publicações Europa-América. Portugal.

MORIN, Edgar (1998). *O Método 4. As idéias*. Editora Sulina, Porto Alegre.

MORIN, Edgar (1998). *Ciência com Consciência*. Editora Bertrand Brasil, Rio de Janeiro.

PEREIRA, Júlio César Rodrigues (1999). *Análise de Dados Qualitativos - estratégias metodológicas para as Ciências da Saúde, Humanas e Sociais*. Editora Edusp/FAPESP, São Paulo.

Planejamento Estratégico 1998/2001 Associação Comunitária Monte Azul.

Revista *Prêmio Bem Eficiente*: as 50 entidades vencedoras de 1997.

SANTOS, Boaventura Souza de (1999). *Reinventar a democracia: entre o pré-contratualismo e o pós-contratualismo*. In: *A Crise dos Paradigmas em Ciências Sociais e os Desafios para o Século XXI* / Heller, Agnes et al. Contraponto Editora, Rio de Janeiro.

SCHNITMAN, Dora Fried...et al (1996). *Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade*. Editora Artes Médicas. Porto Alegre.

STEINER, Rudolf (1981). *O Estudo do Homem como base da Pedagogia*. Editora Associação Pedagógica Rudolf Steiner, São Paulo.

STEINER, Rudolf (1984). *A obra científica de Goethe*. Editora Antroposófica, São Paulo.

STEINER, Rudolf (1983). *Ciência Espiritual e Questão Social* Editora Antroposófica, São Paulo.

STEINER, Rudolf (1985). *Verdade e Ciência*. Editora Antroposófica, São Paulo.

STEINER, Rudolf (1986). *O Futuro Social*. Editora Antroposófica, São Paulo.

STEINER, Rudolf (1987). *A Educação da Criança Segundo a Ciência Espiritual*. Editora Antroposófica, São Paulo.

STEINER, Rudolf (1991). *Conhecimento dos Mundos Superiores*. Editora Antroposófica. São Paulo.

STEINER, Rudof (1993). *Fundamentos da agricultura biodinâmica: vida nova para a terra*. Editora Antroposófica. São Paulo.

STEINER, Rudolf (1994). *Matéria, forma e essência. O caminho cognitivo da Filosofia à Antroposofia*. Editora Antroposófica, São Paulo.

STEINER, Rudolf (1996). *Teosofia - Introdução ao conhecimento supra-sensível do mundo e do destino humano*. Editora Antroposófica, São Paulo.

STEINER, Rudolf (1996). *O Mistério dos Temperamentos*. Editora Antroposófica, São Paulo.

STEINER, Rudolf (1998). *Economia Viva. O mundo como organismo econômico único*. Editora Antroposófica, São Paulo.

STOCKMEYER, E. A. Karl (1976). *Currículo de Rudolf Steiner para as Escolas Waldorf*. Editado pelo Centro de Pesquisas Pedagógicas da Associação das Escolas Livres Waldorf. Mimeografado.

STOCKMEYER, E.S. Karl (1988). *Currículo de Rudolf Steiner para as Escolas Waldorf*. Mimeografado.

STRATHERN, Paul (1999). *Bohr e a Teoria Quântica*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro.

UNGER, C. (1946). *Antroposofia: Ciência espiritual*. São Paulo (Apostila disponível na biblioteca da Escola Waldorf Rudolf Steiner de São Paulo).

YAZBEK, Maria Carmelita (1998). *Globalização, precarização das relações de trabalho e seguridade social*. In: *Serviço Social e Sociedade* nº 56. Editora Cortez. São Paulo.